



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Ciências Sociais

Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves Marques

**“Felizes para sempre”: o cotidiano da vida conjugal e a
manutenção da relação de casais jovens na cidade de Niterói**

Rio de Janeiro

2016

Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves Marques

“Felizes para sempre”: o cotidiano da vida conjugal e a manutenção da relação de casais jovens na cidade de Niterói



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Claudia Barcellos Rezende

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

M357 Marques, Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves.
“Felizes para sempre”: o cotidiano da vida conjugal e a
manutenção da relação de casais jovens na cidade de
Niterói / Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves
Marques. – 2016.
83 f.

Orientador: Claudia Barcellos Rezende.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.
Bibliografia.

1. Casamento – Aspectos sociais – Teses. I. Rezende,
Claudia Barcellos. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 392.5

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação,
desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves Marques

“Felizes para sempre”: o cotidiano da vida conjugal e a manutenção da relação de casais jovens na cidade de Niterói

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 19 de maio de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dra. Claudia Barcellos Rezende (Orientadora)
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof.^a Dra. Waleska de Araújo Aureliano
Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2016

AGRADECIMENTOS

À Deus por permitir que eu traçasse o caminho que me trouxe até aqui.

Aos meus pais que com todo o esforço e dedicação me guiaram pela vida e permitiram que eu alcançasse meus objetivos, e aos meus irmãos por me apoiar.

Ao Tiago por me inspirar todos os dias, por construir e viver comigo uma relação amorosa, pela ajuda, pelo apoio, pelos puxões de orelha e incentivos.

À minha orientadora Claudia Barcellos Rezende, pela paciência, orientação, delicadeza e organização.

Ao meu orientador da graduação Jorge Coelho Soares, por me inspirar, incentivar e me guiar até o mestrado.

Aos preciosos amigos que auxiliaram o meu trabalho, direta ou indiretamente.

À CAPES pelo fundamental apoio econômico.

À banca examinadora, pela disponibilidade, pelos conselhos e sugestões no aprimoramento deste trabalho.

Aos participantes da pesquisa pela disponibilidade e gentileza.

Ao Wagner e à Sonia da secretaria do PPCIS pelo acolhimento, gentileza e por sempre me ajudar e tirar minhas dúvidas prontamente.

À UERJ, minha casa.

O que mantém o amor,
Senão senti-lo,
Vivê-lo,
Sê-lo.

Ana Claudia Marques

RESUMO

MARQUES, Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves. "**Felizes para sempre**": o cotidiano da vida conjugal e a manutenção da relação de casais jovens na cidade de Niterói. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Como se mantêm as relações conjugais? Essa pergunta norteia esta dissertação. Tendo o objetivo de compreender melhor os relacionamentos conjugais e a escolha dos sujeitos de mantê-los, foram realizadas entrevistas qualitativas com dezesseis pessoas, sendo nove mulheres e sete homens, com idade entre 25 e 35 anos, heterossexuais, casados ou que moram com o cônjuge, sem filhos, com nível universitário e residentes da cidade de Niterói, no Rio de Janeiro. Através dos relatos obtidos nas entrevistas foi possível observar como os indivíduos percebem seus relacionamentos e o cotidiano destes, de forma a colaborar no desenvolvimento do conhecimento sobre a manutenção das relações, com destaque para a divisão do trabalho doméstico, a sexualidade e a intimidade enquanto peças neste cenário, além dos atributos mencionados pelos entrevistados, como companheirismo, respeito, amizade e amor. As construções resultantes desta pesquisa indicaram a forma como as dinâmicas sociais estão refletidas nos relacionamentos dos casais, destacando-se os valores de individualidade e igualdade, e a importância da maneira como o cotidiano é compartilhado entre os parceiros para o desenvolvimento e a manutenção da relação conjugal, onde chama a atenção a grande relevância do diálogo.

Palavras-chave: Conjugalidade. Trabalho doméstico. Sexualidade. Intimidade.

ABSTRACT

MARQUES, Ana Claudia Machado Guimarães Gonçalves. "**Happily ever after**": the routine of marital life and the maintenance of young couples relationship in the city of Niterói. 2016. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

How to maintain marital relations? This question guides this dissertation. With the aim to better understand the marital relationship and the choice of subjects to keep them, qualitative interviews were conducted with sixteen people, including nine women and seven men, aged between 25 and 35 years old, heterosexual, married or living with spouse, no children, university educated residents of the city of Niterói, Rio de Janeiro. Through reports from the interviews it was possible to observe how individuals perceive their relationships and their daily life in order to collaborate in the development of knowledge about maintenance of relations, especially the division of household labor, sexuality and intimacy as parts in this scenario, in addition to the attributes mentioned by respondents as companionship, respect, friendship and love. The results of this research indicate how the social dynamics are reflected in relationships of couples, especially the values of individuality and equality, and the importance of how daily life is shared between the partners for the development and maintenance of the marital relationship, where we highlight the great importance of dialogue.

Keywords: Conjugalidade. Housework. Sexuality. Intimacy.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	AMOR E CONJUGALIDADE: UMA REVISÃO	16
1.1	Amor	16
1.2	Conjugalidade	21
2	UMA HISTÓRIA A DOIS: APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS E AS HISTÓRIAS DE SEUS RELACIONAMENTOS	29
3	TRABALHO DOMÉSTICO: UMA QUESTÃO DESCOBERTA	42
3.1	Como seria e como é de fato	49
4	SEXUALIDADE E INTIMIDADE	56
4.1	Sexualidade	57
4.2	A vivência do sexo no cotidiano dos entrevistados	60
4.3	Intimidade	64
4.4	Como a intimidade é experimentada	66
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	78
	ANEXO – Questionário base das entrevistas	83

INTRODUÇÃO

Como as relações conjugais se mantêm? Esta é a questão que norteará este trabalho, a fim de compreender melhor a construção da união a dois, e também a opção do indivíduo de permanecer ao lado do outro, através do discurso dos indivíduos.

Há alguns anos, a partir da graduação em psicologia, venho observando e refletindo sobre as relações amorosas, como se constroem, como são mantidas, que características estão presentes nos relacionamentos, como os sujeitos se comportam, o que esperam de seu parceiro, o que esperam da relação, quais são seus desejos, o que pretendem realizar dentro de um plano comum, e outros diversos aspectos que cercam e envolvem este elemento da vida humana, sendo inclusive o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso na faculdade de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2013. Porém, apenas recentemente percebi a presença dos valores e regras sociais nas relações amorosas, levando à observação de como estes são partes de extrema importância em todas as fases deste processo da construção e manutenção de um relacionamento.

Os relacionamentos e seus desdobramentos, que há muito tempo são estudados nas ciências humanas, como na filosofia de Platão e nas ciências sociais de Giddens, são de grande importância para a observação das dinâmicas e valores sociais e individuais. Que valores estão presentes nas relações conjugais? Quais as fontes de conflitos e o que estes revelam em termos de valores e padrões sociais? Há diferenças de gênero na vivência cotidiana dos relacionamentos? Como funciona o cotidiano conjugal?

Uma questão apontada neste trabalho é a da divisão das tarefas domésticas, onde se pode perceber uma predominância do trabalho feminino sobre o trabalho masculino, historicamente afirmada na sociedade ocidental, porém em um processo lento e gradual de desconstrução. Outro aspecto está na discussão sobre a intimidade, conectada à ideia de comunicação transparente e constante entre o casal, retrato de uma construção histórica fruto da confissão que era realizada nas igrejas católicas, como expõe Foucault (2014). Portanto, aprendizado social, as percepções das relações experienciadas, as heranças do romantismo, do iluminismo

e do feminismo, entre outros fatores sociais são demonstrados na esfera dos relacionamentos conjugais.

De acordo com Giddens (1993), o amor romântico possui alguns aspectos do amor apaixonado, como a idealização do outro e a paixão enquanto algo irracional, que quebrava padrões, mas foi além deste e vinculou o amor à liberdade e à autorrealização, envolvendo também a reciprocidade como essencial. Enquanto idealizador traz a ideia de destino, do parceiro predestinado que irá satisfazer todas as expectativas do outro, que se mistura com a proposta de liberdade de escolha. No entanto, o amor romântico se afastou da sexualidade, enquanto possibilidade de experiência livre, e condicionou o sexo enquanto prova de amor. Mas muitas das esperanças do amor romântico foram quebradas, especialmente com a conquista de maior autonomia pelas mulheres e o desenvolvimento de maior igualdade entre os gêneros. (RÜDIGER, 2012) Giddens (idem) afirma que com estas mudanças, passou-se ao amor confluyente, mais envolvido com a liberdade de escolha do parceiro de iniciar e terminar a relação, baseado em reflexividade constante, tendo na valorização da satisfação individual seu principal alicerce.

Da mesma forma, o avanço da liberdade e da igualdade foi iniciado pelo ambiente da vida social e penetrou nos relacionamentos e nas escolhas individuais. Como expõe Rüdiger (2012), o desenvolvimento do capitalismo, o colapso do sistema patriarcal, o enfraquecimento da instituição do matrimônio, entre outros fatores, colaboraram para o crescimento da individualidade e a ascensão dos planos emocionais e afetivos das relações, contribuindo para a disseminação dos novos valores que estavam em desenvolvimento na sociedade, a saber, a igualdade e a liberdade, dentro dos relacionamentos pessoais.

Neste processo, de transição para o amor confluyente, que exatamente está ligado à expansão dos ideais de liberdade e igualdade, o desenvolvimento da autonomia da mulher especialmente a partir do feminismo foi essencial. Uma das razões está no anseio de afastamento do amor romântico, que produziria uma ilusão de que a felicidade seria dependente do outro, o que pode levar a mulher a se submeter ao parceiro, se colocando em uma relação de dedicação incondicional e produtora de desigualdades e até mesmo violência. (NEVES, 2007) Como coloca Vaitsman (1994), era comum que a mulher abrisse mão de seus planos pessoais após o casamento, deixando o homem como responsável pelo sustento financeiro e com sua carreira com prioridade em detrimento da dela. Há nessa situação uma

submissão de individualidade que contribuiu para uma crise feminina, em um contexto, muitas vezes, de insatisfação e infelicidade. Assim, esses papéis de gênero, de homem provedor e mulher do lar, foram perdendo espaço, e o empoderamento feminino criando novas formas de relacionar-se na conjugalidade.

Busco assim examinar nesta dissertação como estes grandes movimentos e modificações da sociedade ocidental contemporânea se refletem no discurso sobre o cotidiano dos indivíduos entrevistados. O trabalho pago, as relações familiares e de amizade, o tempo disponível para se estar com outro diante dos deveres a serem cumpridos, as questões financeiras e outros elementos, afetam diretamente a forma como o relacionamento é vivido, como é percebido e como é valorizado.

Com base nestas questões, escolhi o seguinte universo de pesquisa: homens e mulheres que se consideram heterossexuais, casados ou que morem juntos com o(a) parceiro(a), sem filhos, com idade entre 25 e 35 anos, nível universitário e residentes na cidade de Niterói no Rio de Janeiro. Além da educação universitária, o tipo de ocupação dos entrevistados sugere um perfil de camadas médias.

Manter uma limitação em relação a sexualidade foi uma opção a fim de garantir maior homogeneidade entre os pesquisados, considerando as diferenças vivenciais que possam existir em relacionamentos que envolvem duas pessoas do mesmo gênero. A exigência de que não tivessem filhos foi baseada também na alteridade possivelmente existente entre cônjuges que possuem uma dinâmica familiar modificada pela presença dos filhos e mesmo pelo significativo identitário de pai e mãe. Em relação a faixa etária escolhida, busquei incluir indivíduos que tivessem uma proximidade de experiência geracional, de forma que todos nasceram na década de 80, presenciando semelhantes mudanças socioculturais e possivelmente com tipos de criação parecidas, dados os valores de época. A limitação pelo nível universitário, além de ser um critério de camadas médias, conferiu um recorte mais próximo à minha realidade, de forma que facilitou o contato com os entrevistados, bem como a determinação da cidade, na qual sou residente.

Poderia se supor a existência de maior facilidade na compreensão das demandas e percepções dos entrevistados, por ter uma vivência social semelhante, porém, não creio que esta ideia possa ser afirmada enquanto verdadeira. Nas palavras de Gilberto Velho (1978: p.39) “O que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*”. Assim, o

conhecimento dos componentes de uma realidade não é determinado pela proximidade, mas pela observação e análise de cada um deles. Ainda segundo o autor, é preciso relativizar e transcender o lugar ao qual o pesquisador pertence, olhando além do cenário com o qual se está familiarizado, para perceber as diferentes e complexas interações que se apresentam. Embora em um mesmo contexto histórico e geográfico, a vivência de cada pessoa dentro do relacionamento conjugal é tema que só esta pode revelar, ainda que se possa encontrar em seu discurso influências socioculturais de onde habita.

Neste sentido, afirma também Da Matta (1978) a importância de se afastar da realidade vivida e olhar de fora, estranhando o meio familiar e encontrando o exótico que este possui, e que muitas vezes não percebemos por já estarmos tão fortemente inseridos na sociedade. O autor compara essa inserção à viagem do xamã, que se faz para dentro, e que conduz, como também acontece quando se estuda o “exótico”, ao estranhamento diante da novidade e a um encontro com o outro, percebido enquanto desconhecido. Esta percepção diferenciada do cotidiano, não apenas proporciona uma melhor observação do pesquisador, como permite que ele se surpreenda com os elementos e movimentos de sua própria sociedade, enriquecendo ainda mais sua vivência enquanto estudioso e enquanto pessoa, levando-o a perceber, admirar e questionar suas próprias escolhas e atitudes.

Dessa forma, através de contatos com amigos e conhecidos destes, foram realizadas entrevistas com 16 pessoas, sendo 7 homens e 9 mulheres. Foi utilizada a entrevista aberta, no anseio por explorar de forma mais profunda e direta os relatos a serem colocados pelos entrevistados, não limitando suas colocações a respostas pré-definidas de um questionário e sem almejar a construção de estatísticas. A escolha das entrevistas se deu no intuito de analisar o cotidiano dos casais através das falas e percepções dos indivíduos, já que a possibilidade de fazer uma observação direta deste dia a dia seria praticamente inviável, além de que a vivência do casal poderia ser camuflada devido à presença do pesquisador.

Dentro da execução da pesquisa, destacarei alguns pontos que chamaram a minha atenção. O primeiro foi que na busca por participantes notei maior disponibilidade das mulheres, e, à exceção daqueles que aceitaram participar junto com a parceira, houve poucos contatos espontâneos de homens. Já na realização das entrevistas, entre esses indivíduos que formavam casais, todos foram entrevistados individualmente, mas foi interessante observar algumas

peculiaridades, como a curiosidade sobre a fala do outro e brincadeiras sobre o que teria sido dito. Outro aspecto que me surpreendeu foi que não existiram diferenças relevantes de gênero entre aqueles que falaram mais e que falaram menos. Sobre isso, percebi que entre a maioria daqueles que os parceiros não foram entrevistados pareceu haver maior liberdade no discurso, com mais calma e mais detalhes, podendo estar relacionado também com o fato de terem sido entrevistados em lugares públicos.

Através das entrevistas abertas, acredito ter tido mais liberdade para conduzir a conversa e dar maior liberdade para o entrevistado de se colocar e expor sua subjetividade, abrindo possibilidade para descobertas para além do meu objetivo inicial, enriquecendo ainda mais a pesquisa, porém sem perder o seu foco. Como afirmam Boni e Quaresma (2005), quanto menos estruturada a entrevista, maior a possibilidade de trocas afetivas, facilitando o trabalho do tema em questão, que é delicado e se relaciona com a intimidade dos casais.

As perguntas de base estão dispostas no anexo I ao fim deste trabalho. Nestas são questionadas qual a história do relacionamento, os aspectos positivos e negativos da relação e do parceiro (a), como é a rotina e quais os planos para o futuro, quando existem, além de perguntas conceituais, ligadas a sexualidade, fidelidade e intimidade. E especialmente com foco na conexão de todas essas questões, perguntei ao final da entrevista o que o entrevistado considerava mais importante para manter o seu relacionamento.

Assim, no primeiro capítulo realizarei uma revisão bibliográfica, explorando os temas do amor e da conjugalidade e as concepções e conceitos relacionados. Para tanto, apresentarei os autores utilizados ao longo do presente trabalho, bem como outros de grande importância na compreensão do contexto da vivência das relações conjugais atualmente.

No segundo capítulo apresentarei uma breve história de cada relacionamento, como contada por cada indivíduo, apresentando os principais pontos de discussão e as percepções dos indivíduos sobre estes. Serão também transcritas algumas de suas falas a fim de demonstrar a linguagem e explicitar como de fato o indivíduo se coloca.

No terceiro capítulo será colocada em questão a divisão do trabalho doméstico, que surgiu de maneira espontânea nos relatos dos entrevistados, relacionando-a com a dimensão do trabalho remunerado e indicando uma

transformação do modelo tradicional homem provedor/mulher do lar para um contexto de maior igualdade entre os gêneros neste contexto.

No quarto e último capítulo, discutirei a vivência da sexualidade e da intimidade nas relações conjugais, passando pelas concepções teóricas destes aspectos e explorando a percepção dos indivíduos sobre estes temas de grande relevância no cotidiano dos casais.

1 AMOR E CONJUGALIDADE: UMA REVISÃO

1.1 Amor

Há tempos o amor desperta o interesse de estudiosos das ciências humanas e sociais. Este tema coloca em questão concepções fundamentais sobre o que é o ser humano, como é a sua relação com o mundo, sobre a felicidade e o sentido da existência. Daí a importância da reflexão sobre o amor ser reconhecida desde os tempos mais antigos até hoje.

A exploração deste sentimento neste trabalho funciona como uma base para a análise das relações conjugais, posto que se costuma acreditar ser este a principal motivação para a existência e durabilidade de um relacionamento. Através das observações de alguns estudiosos, questões emergiram e conduziram a muitos pensamentos que foram de extremo valor para o desenvolvimento deste trabalho.

A filosofia explora este tema desde a antiguidade. Como expõe Ghiraldelli Junior (2011) entre os pré-socráticos, o amor era tido como um elemento do cosmos, onde associado aos quatro elementos (terra, fogo, ar e água), era uma força de união, enquanto o ódio, uma força de repulsão. O amor também era expresso em duas palavras: “Eros” e “Philia”. Embora a tradução moderna relacione o primeiro ao amor sexual e o segundo ao amor amizade, na verdade para os gregos não havia uma distinção tão rígida. Eros poderia ser entendido como um amor que não é controlado. Ele surge inesperadamente e da mesma forma pode desaparecer. Esta ideia pode ser demonstrada ao lembrar-se do cupido, substituto de Eros para os romanos, que lança suas flechas a qualquer momento, em qualquer lugar, unindo o amor à paixão. Já o amor Philia envolveria certa deliberação, havendo um tipo de escolha, estando ligado à vontade, e não ao desejo. (Idem) É interessante relacionar esta definição de Eros com a associação muitas vezes feita entre o amor apaixonado e a irracionalidade. Desta forma, seria possível perceber, atualmente, uma relação de Eros com a paixão e de Philia com a reflexividade do indivíduo sobre o que sente, um elemento importante de escolha no estabelecimento e manutenção de um relacionamento, que pode ter sido, ou não, iniciado por Eros.

Em um dos mais antigos e mais famosos documentos que remetem ao tema, O Banquete, de Platão (2001), apresenta o amor sob diferentes pontos de vista através de relatos de filósofos da Grécia antiga em uma festa realizada por Agatão em sua casa. Tendo a variedade de posições colocadas na conversa, pode-se perceber a complexidade deste sentimento. Mas é no discurso de Sócrates que uma importante definição do amor se apresenta. Este afirma que o amor é o sentimento de ter consigo sempre o bem, aquilo que é belo, bom, verdadeiro, e que busca a imortalidade, através das criações, como a geração de filhos ou mesmo as produções científicas e culturais. Estaria então Eros a serviço da melhoria da pessoa, associado à virtude, à prosperidade, à felicidade. Cabe notar o quanto as ideias socráticas estarão presentes nas visões posteriores do amor, relacionando o mesmo à imortalidade e ao bem, como se apresenta com o cristianismo e o romantismo, por exemplo.

Com o advento do cristianismo, adotou-se a palavra “Ágape” para indicar outro tipo de amor: o amor de Deus para com os homens. Com amor ágape desenvolveu-se o perdão, que submeteu a justiça ao amor, promovendo a valorização da liberdade através deste sentimento. As pessoas não eram mais obrigadas a seguir certos padrões da época, como o comportamento vingativo. Esta liberdade seria reelaborada no romantismo, especialmente na ideia de casamento “por amor” e não por imposições familiares ou determinações sociais, conectando este movimento aos ideais democrático-liberais em ascensão na modernidade no Ocidente. Assim, o amor romântico sacramentou a união da liberdade individual com o culto do parceiro, objeto de devoção e desejo erótico. (GHIRALDELLI JUNIOR, 2011)

O amor é analisado também pelas ciências sociais. Focando sobre a realidade social, Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo (1977) exploram através do romance Romeu e Julieta a relação da noção de amor com o fortalecimento da individualidade. O amor se coloca como um sentimento pertencente ao campo do sujeito, não socializado, e mesmo como elemento de oposição à sociedade, podendo ser, portanto, um indicador de libertação das regras e padrões sociais. Assim, no romance, é demonstrado o desenvolvimento de uma visão do indivíduo enquanto ser psicológico, cujos aspectos internos estão além da subordinação ao social. O amor surge como elemento de quebra dos padrões sociais anteriores para a ascensão dos valores modernos de liberdade e

centralidade do indivíduo. Outros aspectos apresentados também mostram a diminuição da importância da família e a relação estabelecida com a identidade do sujeito, ocasionadas por estas mudanças.

Em um estudo sobre o cinema, Rossi (2008) mostra como esta visão romântica é bastante perceptível nas produções artísticas modernas, como filmes, músicas e mesmo na publicidade. Como destaca o autor, há uma representação muito valorizada do amor como meio de prosperidade e felicidade, onde os modelos de vivência deste sentimento são muitas vezes percebidas pelas pessoas como fórmulas para se obter sucesso nos relacionamentos reais, o que as conduz por uma busca pela perfeição que fora transmitida por estes meios. Não se deve, no entanto, responsabilizar estas produções pela construção de uma imagem idealizada do amor na modernidade, já que estas apenas propagam os valores e percepções sociais que são influenciados por diversos outros aspectos. Mas nos cabe perceber que estas representações do sentimento amoroso acontecem em um meio onde os signos são culturalmente definidos, havendo códigos conhecidos e compartilhados que, desta forma, oferecem sentido a estas.

Apesar dessa presença do romantismo “tradicional” em uma idealização da relação, Giddens (1993) expõe que atualmente a noção de amor romântico está fortemente vinculada à liberdade, onde o primeiro passou a figurar entre o segundo e a autorrealização do indivíduo. Esses três aspectos pertencem a um padrão de existência desejável, especialmente conectado com os relacionamentos de casal, onde se pode perceber também um ideal de igualdade, que relacionado com esses elementos afirma a potencialidade do envolvimento emocional dos indivíduos sobre a normatividade externa. Desta forma, o próprio relacionamento se torna cada vez mais o ponto chave do sucesso afetivo, e retira o protagonismo do outro. Com a liberdade de escolha de estar e permanecer na relação, o ideal romântico que propicia o seu desenvolvimento, a igualdade proporcionando maior abertura entre os envolvidos, maior compartilhamento emocional e, conseqüentemente, maior intimidade, chega-se cada vez mais perto de um relacionamento puro, afirma o autor. Esse relacionamento puro é caracterizado, então, por um amor confluyente, que abarca estes valores distinguindo-se da projeção de um amor romântico.

Em suas reflexões sobre a modernidade, Bauman (2004) coloca-se sobre o amor enquanto vivência. Segundo o mesmo, o amor é vontade de cuidar e preservar o outro, um impulso de expansão e crescimento, de assimilar o amante no amado,

de doar-se ao ser amado e contribuir para o mundo. Amar é proteger, abrigar, acariciar, mimar, guardar, cercar, estar à disposição, assumir a responsabilidade, é o domínio mediante a renúncia. O amor aprisiona para proteger o prisioneiro. Amar é transformar um outro em alguém definido, ou seja, reconhecer suas diferenças, o que significa tornar indefinido o futuro, pois se há diferenças entre o amado e o amante, não há como prever os desdobramentos da relação. Julgando o amor como frágil, o autor nos diz que esta indefinição do futuro aumenta sua vulnerabilidade, situação a qual ele consegue suportar com leveza, o levando a lutar para esquecer sua incerteza e precariedade. Cria-se assim uma linha tênue entre o carinho e a atenção, a agressividade e a possessão. Apesar de ser bastante crítico, em sua definição do amor, podem-se perceber elementos românticos, e possivelmente do cristianismo, na relação do sentimento amoroso com a caridade, com o bem, e mesmo certa idealização dos comportamentos a serem assumidos por aqueles que amam, o que se dá de uma forma que se poderia chamar de poética.

Explorando as colocações de Bauman sobre o tema, Zamboni (2010) expõe que o amor se constitui na união de duas histórias de vida, trazendo consigo lembranças, vivências, construções de ambas as partes. Mas este sentimento é complexo e possui ambiguidades, pois necessita de segurança e de insegurança ao mesmo tempo, de liberdade e de dominação. Para se equilibrar precisa permanecer ambivalente. A relação precisa de estabilidade para se manter, mas ao mesmo tempo anseia por certa vulnerabilidade, que pode potencializar o valor da relação.

Uma perspectiva sociológica diferente da apresentada por Bauman é a de Eva Illouz (2011), que reconhece o amor como um tipo de afeto, descrito como uma energia interna que impulsiona o indivíduo para a ação e envolve ao mesmo tempo o afeto em si, a cognição, a avaliação, a motivação e o corpo, tendo uma dimensão cultural, social e psicológica. A autora afirma que há um grande movimento de racionalização que dificulta a vivência dos sentimentos, como acontece com o amor, um afeto diretamente ligado ao desenvolvimento e fortalecimento da individualidade. Em suas reflexões percebemos como o amor está para além do psicológico, do sentir individual, carregando também consigo elementos culturais e sociais e ao mesmo tempo fazendo parte de suas dinâmicas.

Esta reflexão acerca da relação da cultura com os sentimentos é matéria prima dos estudos da Antropologia das Emoções. Como expõe Rezende (2002), as emoções seriam construções culturais vinculadas aos contextos sociais, sendo o

conceito de pessoa também fruto da cultura. Este campo busca, então, analisar as expressões emotiva e sentimental relacionadas às dinâmicas sociais e significados culturais mais amplos de diferentes sociedades, demonstrando como as subjetividades dos sujeitos são moldadas pelo contexto em que vivem e, ao mesmo tempo, refletem sobre ele. Assim, parte-se “do princípio de que as experiências emocionais singulares, sentidas e vividas por um ator social específico, são produtos relacionais entre os indivíduos e a cultura e sociedade.” (KOURY, 2005, p.239)

Isto é claramente demonstrado por Abu-Lughod (1990), ao explicitar como entre os beduínos no Egito, a expressão amorosa é bastante diferente das que são encontradas nas sociedades ocidentais, especialmente no campo a ser estudado, ocorrendo principalmente através da poesia, de forma mais íntima e mais contida. Neste contexto, a expressão amorosa está diretamente relacionada à liberdade, no sentido de contestar o sistema social, e por isso não é considerada como base legítima para o casamento. No entanto, o amor é também um sentimento valorizado, porque revela a autonomia das pessoas em sentirem conforme suas individualidades.

Já no Rio de Janeiro, em estudo recente realizado com jovens Dolzani (2008) destaca que a noção de amor entre seus entrevistados estava muito relacionada com os sentimentos de “companheirismo, equilíbrio, perenidade, confiança, reciprocidade e renúncia” (p.110). Isso conduz à percepção da ligação entre o amor e as relações, o que mostra como o amor se constitui necessariamente no campo das interações sociais. Além disso, nota-se como os valores atribuídos desde o início ao amor, como mostramos no pensamento socrático, no cristianismo e no romantismo, estão fortemente presentes na construção de ideias e valores acerca do sentimento amoroso ainda hoje.

Permeiam todas estas visões a grande questão das ciências humanas e sociais da dicotomia entre razão e emoção, indivíduo e sociedade. Como afirmam Rezende e Coelho (2010), há em muitos autores certa distância entre as emoções e o campo social, onde estas são vistas como subjetivas e eventualmente frutos de acontecimentos sociais. Assim, o amor é muitas vezes apresentado como o “irracional” e o individual, versus as regras sociais e o “racional”. Com o passar do tempo esta questão vem sendo problematizada, como expõem as autoras, especialmente pela antropologia das emoções, indicando que o emocional está estreitamente ligado às dinâmicas e relações sociais. No entanto, esta discussão

não será aprofundada, pois não é o foco da pesquisa, ainda que seja possível propor que não há uma oposição entre estes, mas sim uma relação de coexistência, onde muitas vezes estas diferenciações não podem ser percebidas claramente.

Assim, o amor que encontramos hoje no imaginário social provém do romantismo, fortemente influenciado pelo cristianismo, que partiu do século XIX e chega até o século XXI com uma aplicação maximizada, o que pode gerar muitas ilusões e expectativas sobre as relações amorosas. O ideal do amor romântico é um dos principais elementos que, de acordo com este imaginário, conferem significado à existência, traz a felicidade e conforta o sujeito nos momentos de sofrimento. Poderia se acreditar que esse ideal amoroso atrelado à individualidade contemporânea nos leva a uma noção de amor cada vez mais cheio de responsabilidade sobre a felicidade do sujeito e o “sucesso” de sua existência. No entanto, as reflexões seguintes poderão indicar que atualmente a relação do casal parece estar mais em foco do que apenas o sentimento amoroso.

1.2 **Conjugalidade**

Apresento a seguir algumas questões sobre a conjugalidade, onde se poderá perceber a influência destas concepções do sentimento amoroso sobre a construção, o desenvolvimento e a manutenção das relações.

Giddens (1993, 2002) coloca que a significação da palavra “relacionamento” enquanto laço afetivo próximo, estabelecido e continuado, é recente, bem como a afirmação do lar como lugar de acolhimento emocional em oposição ao mundo externo, mais mecânico. Essas mudanças, relacionadas à individualidade e ao amor romântico, colaboraram para a valorização do casal, em uma conjugalidade já não mais relacionada aos interesses familiares, mas focada sobre a relação em si. Há, portanto, a liberdade na escolha do parceiro, e em sua união, um afastamento maior do “mundo exterior”. Nesse contexto estabelece-se o que Giddens (Idem) chama de “relacionamento puro”, onde se escolhe estar em uma relação apenas pela satisfação que esta propicia, com cada parte colaborando para a sua manutenção e desenvolvimento, e que se mantém enquanto ambos estiverem satisfeitos individualmente. Há, portanto, um acordo implícito, que permite ao casal discutir a

relação e negociar seus elementos, de forma a resolver, ou não, seus impasses. Dentre as dificuldades que podem surgir neste tipo de relação, estão o equilíbrio e a reciprocidade das contribuições que cada indivíduo dá ao relacionamento, de forma que ambos sintam-se em condições próximas a igualdade (como apresentado no tópico anterior, tratando-se do amor confluyente), os problemas do próprio envolvimento amoroso, como idealizações e expectativas, e também as questões de gênero, relacionadas, por exemplo, com a divisão das tarefas domésticas, como será exposto no capítulo três deste trabalho.

Ainda segundo o autor, há mais dois tipos de relacionamentos que os casais heterossexuais tendem a ter quando não possuem uma relação pura. O primeiro tipo seria baseado no companheirismo e na amizade, onde há pouco envolvimento sexual, mas fortes sentimentos de igualdade e simpatia entre os parceiros. O outro seria na união enquanto um “porto seguro” para os indivíduos, onde há baixo envolvimento emocional, mas onde acreditam obter a segurança necessária para enfrentar o “mundo exterior”. Esses tipos de relacionamentos não parecem ser o caso daqueles entrevistados neste trabalho, como poderá ser observado, no entanto, os sentimentos de amizade e de segurança estão fortemente presentes também.

Bauman (2004) afirma que os indivíduos modernos anseiam pela segurança e conforto de um relacionamento, ainda que mantenham certo temor do vínculo, em especial de um vínculo duradouro, de seus problemas e de uma possível limitação de sua liberdade, permanecendo sempre uma ambiguidade no relacionar-se. Assim, não seria possível ter certeza que as pessoas estariam de fato interessadas em um relacionamento duradouro, ou se desejariam secretamente que estes fossem leves e abertos. Argumenta o autor que um relacionamento amoroso é um investimento, e enquanto tal é preciso haver dedicação para obter lucro. Supõe-se que o lucro esperado aqui seja a segurança e o reconhecimento. Desta forma, estabelece-se a hipótese desses dois aspectos enquanto motivadores para a manutenção da relação. Outra hipótese de Bauman (2004) é que o relacionamento seja uma forma de escapar da solidão. Estar sozinho, não ter alguém para compartilhar dores e conquistas, sentimentos e sensações, poderia causar uma dor existencial talvez maior que todos os sofrimentos que a manutenção de um relacionamento possa produzir.

Zamboni (2010) discute a confusão presente neste querer ou não querer manter uma relação de longo prazo. Ela coloca como manter um relacionamento pode ser considerado algo pesado, que prejudique a fluidez da vida contemporânea, algo que demanda um esforço do indivíduo que não garante a satisfação das suas expectativas, mas ao mesmo tempo, permanecer em uma busca constante por novas aventuras, novas experiências, pelo prazer imediato, pode se tornar uma atividade extremamente desgastante.

No entanto, Bozon (1995) mostra que ainda que haja uma diminuição nos casamentos, o casal unido pelo amor, continua sendo um objeto de desejo para os indivíduos contemporâneos. Como afirma Velho (2002), ao referir-se ao casamento – que pode ser reconhecido como uma relação amorosa oficializada que tem o objetivo de longa duração – a união de dois indivíduos hoje se dá através de uma decisão comum entre os envolvidos, baseados em aspectos sexuais, afetivos e na ideia de amor.

Albuquerque (2009) coloca que a união conjugal a partir da escolha individual e do sentimento amoroso, tornou-se um valor central, bem como o elemento essencial para a realização do casamento nas sociedades ocidentais. Essa possibilidade de escolha é parte do desenvolvimento do individualismo, como também a expectativa de encontrar na relação um ambiente igualitário, que envolve também a autonomia e o reconhecimento da individualidade de cada indivíduo. Assim, essa tensão entre a igualdade promovida pelo individualismo e a importância de manter a personalidade de cada indivíduo faz-se presente enquanto elemento característico das relações contemporâneas. Como expõem Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo (1977), a relação amorosa desde Romeu e Julieta, tem sido a fusão de duas individualidades.

Porém, Vaitsman (1994) argumenta que essa relação igualitária não é tão fácil de ser alcançada. A autora coloca que historicamente há uma questão de gênero nessa promoção da igualdade, partindo do princípio que desde que a ideia de indivíduo assumiu uma posição central nos valores ocidentais, este conceito está ligado ao domínio do próprio corpo e do seu trabalho, o que indica que em seu surgimento já excluía as mulheres. Atualmente já houve grande avanço sobre o direito individual das mulheres, com a maior autonomia sobre o corpo e sobre o trabalho, ainda que com inúmeras limitações e ressalvas, especialmente se comparadas ao indivíduo homem, como se pode ver na violência sexual e na

discriminação na contratação de mulheres nas empresas. Essa maior liberdade alcançada pelas mulheres também foi influenciando os relacionamentos conjugais, pois a partir do momento que a mulher sai do contexto de submissão ao marido e ao trabalho doméstico, a dimensão do direito adquirido de escolha sobre com quem, quando e como relacionar-se, como mencionado anteriormente, colabora com uma possível maior instabilidade e flexibilidade dos relacionamentos. A mulher assume a autonomia e a sua satisfação individual também passa a ser importante para a manutenção da relação conjugal.

De acordo com Scalon e Araújo (2005), as pesquisas recentes sobre o tema apontam que está em curso um processo de mudança na percepção sobre uma cultura mais igualitária entre os gêneros, ainda que de forma lenta, especialmente considerando-se a persistência de práticas tradicionais em determinados aspectos da vida cotidiana. Um exemplo disso está na constatação de que vem aumentando o envolvimento masculino e diminuindo o feminino no trabalho doméstico, porém de forma bastante lenta. Como mostra a pesquisa das autoras, embora a grande maioria dos entrevistados concorde que homens e mulheres devem contribuir para a renda familiar, o percentual daqueles que acreditam que o homem deve prover o sustento e a mulher cuidar da casa ainda é muito alto, com 52,3% dos homens e 45% das mulheres. Isso indica que ainda que possa ser aceito o trabalho pago feminino, ele ainda é considerado secundário na administração doméstica. Há ainda, portanto, a manutenção da representação simbólica tradicional.

Segundo Vaitsman (op.cit.), esse contexto de possibilidade de maior igualdade abalou a expectativa de eternidade das relações, transformando inclusive o modelo moderno de família nuclear, que passa a assumir novas formas em relações diferenciadas entre os indivíduos. Além disso, a expansão das individualidades, com projetos de vida que nem sempre combinam, também contribuem para a fragilidade dos relacionamentos, sujeitos à satisfação pessoal. No entanto, acredito que podemos perceber atualmente o desenvolvimento de um maior equilíbrio e flexibilidade sobre os desejos e planos particulares entre esses indivíduos, como será apresentado na pesquisa. Como versa Aboim (2009), há mais negociação conjugal diante de mais autonomia, mais reflexividade e mais exigências, o que permite um desenvolvimento da relação conjugal através da articulação dos desejos e escolhas de cada um, do tempo e do espaço pessoais e comuns do casal.

Outro aspecto colocado como base para a relação, apresentado por Werneck (2011), é a familiaridade. Esta traz consigo a previsibilidade e a intimidade da convivência, que geram conforto e identificação, e o sentimento de inevitabilidade, que proporciona a valorização do sentimento amoroso, como se a existência deste não permitisse a separação do casal, em oposição a colocações de outros estudiosos aqui mencionados. O autor afirma que apoiados em uma ideia de amor romântico, os indivíduos idealizam a relação amorosa, e tornam qualquer ato “não amoroso” uma atitude criticável, errada e que produz enorme mal-estar na relação. Assim, trabalhar sobre as expectativas do outro é atividade constante para ambos os envolvidos. E sem dúvidas este trabalho envolve o manuseio das individualidades, as quais não podem ser negadas na relação e de fato precisam ser preservadas para o bem do relacionamento.

Penetrando nesta questão das individualidades dentro do relacionamento, Illouz (2011) expõe que as relações amorosas podem ser consideradas como bens morais, estando diretamente relacionada à identidade do sujeito e sendo também uma ferramenta de bem-estar. São bens morais por serem construídas sobre a base de valores dos envolvidos, de maneira que sua constituição e seu desenvolvimento são influenciados diretamente pelas identidades dos indivíduos, bem como estas também absorvem novas características ao longo do relacionamento. Assim sendo, como estas relações transcorrem é um forte elemento constituinte do bem-estar dos indivíduos em seu cotidiano. Além disso, o reconhecimento das identidades e valores do indivíduo é também o reconhecimento deste enquanto ser único, especial, o que seria a maior das ambições pessoais, acrescenta Lipovetsky (2007), sendo, portanto, um fator de valorização do relacionamento.

Em Barthes (2003), podemos perceber que todas estas características das relações amorosas se apresentam nos pequenos fatos, nos detalhes das vivências do casal. A insegurança apenas em imaginar a possibilidade de perder o parceiro porque este teve uma atitude individualista, a tranquilidade de estar ao lado deste em uma noite chuvosa, o anseio por um momento de paixão exagerada, o esforço em não decepcionar seu parceiro sobre sua expectativa de que ele lhe acene no momento de partida do trem, entre tantos outros.

Dentre estes momentos, Kauffman (2013) destaca a primeira manhã compartilhada pelo casal. Nesta experiência, se evidenciam os sentimentos de familiaridade, as expectativas, o reconhecimento das individualidades, a valorização

dos gestos e palavras do outro, e o conforto e acolhimento sentido com o passar das manhãs divididas ao longo do tempo com a mesma pessoa. Destaca-se também a intimidade sexual, e como esta influenciou na construção da relação e influencia em sua manutenção. Logo, acredito que é necessário atentar para a importância do sexo nas relações amorosas. Embora nem sempre discutido dentro do tema das relações conjugais, e algumas vezes ainda considerado como um tema tabu para a sociedade, sua presença é constante no cotidiano sociocultural ocidental contemporâneo. Como afirma Foucault (2014), a partir do século XVI o discurso sobre o sexo foi sendo cada vez mais convocado, disseminando e implantando sexualidades de variadas formas, levando a desenvolver-se a partir do século XIX, nas sociedades ocidentais, uma ciência da sexualidade, incluindo a “confissão” do indivíduo sobre o sexo como ferramenta do seu desenvolvimento. Há, então, uma busca da verdade sobre o sexo, sabendo-se de sua importância na realidade das pessoas.

Pode-se observar sua relevância na pesquisa de Goldenberg (2006) com jovens, onde é demonstrada a importância da vivência sexual tanto para homens quanto para mulheres, e sua relação com os relacionamentos estabelecidos. Da mesma forma, Dauster (1986) refere-se à relação entre amor e sexo, concluindo em sua pesquisa que a prática sexual não se reduz ao prazer, mas está fortemente ligada à linguagem amorosa, especialmente no caso feminino. Albuquerque (2009) também aborda a questão em sua pesquisa com casais de namorados, onde o sexo aparece como um fator marginal na manutenção da relação, posto que foi considerado pelos entrevistados como algo fácil de obter fora da relação atualmente. Este tema será explorado no capítulo quatro deste trabalho.

Um elemento de grande importância nos relacionamentos conjugais atuais é o companheirismo. Segundo Aboim (2009), este está relacionado à colaboração nas tarefas domésticas e nas decisões, à colaboração na manutenção do diálogo e do apoio emocional, ao compartilhar de planos e ideias e à amizade, todos sendo aspectos essenciais para a relação, tendo em vista que estão presentes na vida diária do casal. A autora mostra através de sua pesquisa com mulheres, que há uma construção da semântica amorosa baseada no sentimento de amizade proporcionado pelo companheirismo, especialmente entre as pertencentes às camadas médias, escolarizadas e engajadas profissionalmente. Ao longo desta pesquisa será possível perceber como este valor está presente também no discurso

masculino. Dolzani (2008) também menciona os mesmos fatores relacionados com o companheirismo, frisando também que essa colaboração e compartilhamento demonstram que há uma maior igualdade nas relações, de forma que os indivíduos encontram mais liberdade para se expor para o outro.

Assim, pode-se perceber o desenvolvimento da intimidade do casal, muito ligada a estes fatores componentes do companheirismo. Como coloca Foucault (2014), está já naturalizada no indivíduo a obrigação da confissão, como se de fato existisse a necessidade de revelar-se totalmente a alguém. Parece haver, então, uma exigência de reciprocidade sobre a exposição do eu à (ao) parceira (o). Para Giddens (1993), essa comunicação total, transparente, é condição essencial para o relacionamento puro, e um dos grandes pilares da confiança. Através da confiança gerada pela intimidade, o relacionamento se torna mais forte e capaz de resistir aos possíveis problemas que venham a surgir. Cabe dizer que a intimidade não se baseia apenas na troca comunicacional, mas também na troca afetiva e física.

A importância da confiança é exposta, por exemplo, na valorização da fidelidade, como demonstra Albuquerque (2009) em sua pesquisa. Nesta, constatou-se que a fidelidade aparece como um elemento determinante para a continuidade da relação, promovendo seu bem-estar e conservando o encantamento inicial, sendo considerada como diretamente oposta à noção de traição. De acordo com Simmel (2003), diferente de como era antigamente, especialmente se tratando das mulheres, atualmente a fidelidade estaria diretamente relacionada à preservação da relação, e não a um sentimento de posse do indivíduo sobre o outro. Isto se dá porque embora a exclusividade sexual não garanta a confiança entre o casal, é um grande estímulo ao seu desenvolvimento, como descreve Giddens (1993). Seriam então os impulsos sexuais e afetivos reprimidos em nome da evitação de problemas no futuro, explica Elias (1993).

Portanto, pode-se perceber que inúmeros elementos se destacam na manutenção do relacionamento duradouro, além do amor, como a segurança, a confiança, a igualdade, a fidelidade, a amizade, o sexo, a comunicação, os interesses comuns, o companheirismo, a cumplicidade, a intimidade, o respeito e a reciprocidade. Estes e outros componentes influenciam e são influenciados pelo cotidiano individual e individual do casal, como pela rotina de trabalho, os afazeres domésticos, as relações familiares, os horários e as dinâmicas individuais. Como afirma Simmel (2003, p.53), "O crescimento de uma relação, seguramente, requer

um certo número de condições positivas e negativas, e a ausência de uma delas pode, imediatamente, impedir o seu desenvolvimento.”

Será então apresentado no próximo capítulo um breve resumo das percepções dos entrevistados sobre seu relacionamento, onde será possível observar quais são alguns destes elementos e como se articulam dentro do contexto conjugal.

2 UMA HISTÓRIA A DOIS: APRESENTANDO OS ENTREVISTADOS E AS HISTÓRIAS DE SEUS RELACIONAMENTOS

Assim que vi você
Logo vi que ia dar coisa
Coisa feita pra durar,
Batendo duro no peito
Até eu acabar virando
Alguma coisa
Parecida com você
Parecia ter saído
De alguma lembrança antiga
Que eu nunca tinha vivido,
Mas ia viver um dia
Alguma coisa perdida
Que eu nunca tinha tido
Alguma voz amiga
Esquecida no meu ouvido
Agora não tem mais jeito,
Carrego você no peito
Poema na camiseta
Com a tua assinatura
Já nem sei se é você mesmo
Ou se sou eu que virei
Alguma coisa tua.

“Coisa Tua” - Alice Ruiz

Ao realizar as entrevistas, foi possível conhecer um pouco das histórias de vida dos entrevistados na relação a dois, explorando não apenas suas percepções do momento presente, como suas lembranças e percepções de situações anteriores,

a história do casal, como se conheceram, porque a pessoa escolheu se relacionar com a outra, porque decidiu estabelecer e manter um relacionamento, como se sentiu nas situações vividas com o companheiro (a), quais eram suas expectativas sobre a relação antes e quais são agora, o que motiva a permanecer na relação, quais as características mais importantes da relação, dentre outras questões abordadas para explorar o tema da pesquisa.

Assim, visando proporcionar um melhor entendimento dos aspectos a serem discutidos através das entrevistas realizadas, optei por fazer um breve panorama de cada entrevistado e da história de sua relação, a fim de que a observação de suas percepções acerca dos temas a serem tratados nos próximos capítulos se apresente contextualizada. Para tanto, a apresentação será iniciada com as mulheres, depois os homens e, por fim, aqueles cujo dois membros do casal participaram da entrevista, individualmente. Cabe lembrar que todos os nomes, profissões e idades são fictícios, preservando a identidade dos entrevistados.

Bruna tem 32 anos, é enfermeira, está casada há um ano, após sete anos de namoro. Contou que, como a mãe, desejava casar com o primeiro namorado e viver com ele o resto da vida. E de fato casou com o primeiro (considera-o como o primeiro pelo relacionamento ter sido o mais duradouro). Eles se conheceram pela internet, e só depois de mais de um ano de conversas resolveram se encontrar. Em um mês já estavam namorando, e nesta fase, inicialmente se viam apenas aos finais de semana, mas nos últimos quatro anos se encontravam diariamente. Casou-se por ter sido sempre um sonho seu, e que aos poucos alimentou a ideia também em seu marido, Rogério: “É, a gente foi conversando tudo até entrar num acordo... Tipo assim... A minha vontade sempre foi casar, ter festa, na igreja e tudo. E ele não, nunca pensou em casar na igreja, assim, essas coisas.”. Ela já tinha um imóvel, no qual foram morar. Relatou que o relacionamento deles sempre foi muito tranquilo, e que pouco mudou depois que casaram, continuam tendo uma ótima convivência e mantiveram a mesma rotina. Acredita que a melhor parte de morar junto é poder estar mais tempo com o outro, e que Rogério a completa nas características que acreditava lhe faltar. Para ela, o essencial para manter o casamento deles é a fidelidade, como explica: “Eu acho que a pessoa tem que ser verdadeira. Se ele não tiver mais gostando de mim e eu não tiver mais gostando dele, a gente chega e fala. Porque eu acho assim, horrível, inadmissível a pessoa trair a outra.”.

Clara tem 31 anos, é jornalista e começou a morar junto há quatro anos, quando já tinha três anos de namoro. Conheceu Américo na faculdade e após um tempo de proximidade começaram a “ficar”, o que durou certo tempo até iniciarem o namoro. Inicialmente eles conviviam muito, pois ambos moravam em Niterói, mas após se formar, ela voltou para Duque de Caxias, onde morava com os pais, e a partir daí sua convivência ficou restrita aos finais de semana e, eventualmente, durante a semana quando ela precisava ir à Niterói. Conta que este foi um fator muito considerado pelo casal ao decidir morar junto, quando alugaram um apartamento, pois essas idas e vindas eram muito cansativas e limitadoras para os dois, especialmente porque precisavam deixar de realizar outras atividades para estarem juntos:

Aí eu tava aqui em Niterói na casa dele, e aí o que acontecia, tinha momentos que eu pensava “Nossa, eu poderia estar fazendo as minhas coisas, ele fazendo as coisas dele, e nós estando juntos”, e não, ficava assim, uma certa disponibilidade. Aí eu acho que isso tava incomodando, tanto a mim quanto a ele, porque tava ficando muito chato isso.

Contou que o relacionamento mudou em alguns aspectos após ir morar com Américo, devido a muitos fatores, como as responsabilidades da casa e a disponibilidade de tempo, questões que serão mais bem exploradas nos capítulos seguintes. Para Clara, a melhor parte de partilhar a moradia é a liberdade, pois ali pode fazer tudo que precisa e ao mesmo tempo estar com seu marido (como se refere a entrevistada), e afirma que a leveza de seu relacionamento é o que mais valoriza. O aspecto mais importante, destacado por ela, para manter o relacionamento que tem hoje com Américo é “respeitar o desejo do outro. [...] não dá pro casamento cercear os desejos individuais. [...] Então assim, pra gente continuar casado, eu acho que a gente tem que estar respeitando muito o desejo do outro e acomodando esse desejo na gente, na relação.”

Cristina é professora, com 28 anos de idade, mora junto há um ano. Alguns meses depois que conheceu João, eles “ficaram” e em pouco tempo já estavam namorando. Desde então sempre passaram bastante tempo juntos, principalmente aos finais de semana, até que quando a irmã saiu da casa de cima dos pais para a casa do lado, após três anos de namoro, eles resolveram assumir o espaço, “a gente foi com a cara e com a coragem”. Eles estão planejando casar no próximo ano. Ela contou que a maior mudança foi em relação às tarefas domésticas, foi

quando viu que eram duas pessoas muito diferentes, pois João não sabia fazer nada, e foi ela quem ensinou a ele como fazer as coisas. A exceção disso, ela diz que não mudou muito, que eles mantêm o mesmo carinho, têm uma ótima convivência e são muito companheiros um do outro. Relatou que busca uma relação harmoniosa, diferente de seus pais, que brigavam muito. Colocou que a todo tempo eles estão se adaptando, melhorando a relação. Cristina acredita que o mais importante para eles continuarem juntos é o diálogo: “eu tento mostrar pra ele tudo que eu to sentindo, tudo que tá acontecendo, e ele também. [...] Então isso faz a gente criar mais confiança, e sei lá, ver que a pessoa é mais humana...”.

Fábia também tem 28 anos, é médica, e mora junto há cinco meses. Antes de decidirem morar juntos, ela e Júlio namoraram por quase seis anos. Durante o namoro, eles costumavam ficar junto mais no final de semana, e eventualmente ele dormia na casa dela durante a semana. Afirmou que a mudança foi uma decisão dos dois, que já estavam pensando no assunto há algum tempo, até que encontraram um lugar legal para alugar quando já haviam desistido. Fábia acredita que seu relacionamento sofre influência de uma separação ruim de seus pais, e que essa história a deixou mais intolerante e radical. Disse que nos primeiros dois meses a adaptação foi um pouco complicada, houve muitos conflitos, especialmente por eles terem personalidades muito parecidas. A maior mudança na relação deles foi ao que tange às decisões, que agora precisam ser compartilhadas, o que algumas vezes também gera confusões por impasses de individualidades, como contou:

Agora, na verdade, eu não posso tomar todas as minhas decisões sozinhas, eu tenho que compartilhar elas com outra pessoa, que na verdade é o Júlio, o meu parceiro. Então às vezes eu, eu quero ou eu acho que devo compartilhar, mas nem sempre eu aceito a outra opinião. [...] E isso é um movimento que vem dele também. Então, assim, é meio que “eu to te perguntando só pra constar”, e aí a gente acaba criando uma confusão...

Mas mesmo com os conflitos, ela coloca que eles têm uma convivência muito tranquila, até por as brigas serem resolvidas rapidamente, o que se relaciona com a cumplicidade, a parceria que existe entre eles, que é o aspecto que mais valoriza no relacionamento atualmente e acredita que é o fator principal de manutenção de sua relação.

Leandro é um empresário de 34 anos, que mora junto há um ano. Ele conheceu Luiza através de um amigo em comum. Em 2007 tiveram um “rolo”, mas

só em 2013 eles se encontraram, “ficaram” e decidiram namorar. Com cerca de um ano de namoro foram morar juntos. Eles consideram estar numa fase de experiência, para ver como se acertam dividindo o mesmo espaço:

Na verdade, a gente conversou e fez o seguinte, que... Tentando pensar de forma muito racional, né, que é assim, um período de experiência, só que esse período não tem um tempo. É tipo assim, um tempo pra gente poder se acostumar um com o outro, né, ver como é que é, pra saber se é isso mesmo.

Ele contou que passou bastante tempo avaliando esta escolha, e que lhe parece que para ela ocorreu de forma muito mais natural, talvez porque ele se mudou para o apartamento dela, onde morava sozinha. Ele morava com o pai, viúvo há alguns anos, e tinha bastante liberdade no seu dia a dia. Para Leandro, foi uma grande mudança na vida, pois mudou seus hábitos e sua rotina para estar mais tempo com ela, esforço que ele não percebe muito da parte dela. E também é difícil dividir tudo o tempo todo, e às vezes sente falta de estar um tempo sozinho. Eles passam bastante tempo juntos e tem uma convivência tranquila. Acredita que para a manutenção desse relacionamento é preciso respeito:

Porque reconhecer o outro como um ser completo, ou seja, com qualidades e com defeitos, é muito importante. Então assim, eu tenho os meus defeitos, ela tem os dela, mas se a gente se respeitar, respeitar o nosso espaço, respeitar o tempo um do outro, acho que dá pra gente ir muito longe sim.

Leila é gerente de banco, com 31 anos de idade, e mora com José há oito meses. Eles se conheceram em uma boate, logo começaram a namorar e com quatro meses de namoro ele foi morar na casa dela. Quando completaram um ano juntos eles decidiram se casar. Ela afirma que os dois sempre tiveram esse desejo, de seguir a tradição. Contou que a transição para morar com ele não foi fácil, porque eram duas pessoas completamente diferentes dividindo o mesmo espaço, e demorou um pouco até eles construírem um equilíbrio e se acertarem. A parte mais difícil para ela foi composta por dois fatores: começar a cozinhar e passar a dar satisfação do que fazia:

Os hábitos, de estar acostumada a sair sozinha à noite, sentar em bar com os amigos, de achar que ainda pode fazer isso, de não ter muito o hábito de dar satisfação, de onde tá, e aí existe uma outra pessoa que passa, do nada, a fazer tudo junto. Aí você tem que dizer, não é uma obrigatoriedade, mas assim, dizer aonde tá indo, que horas vai voltar, porque tem uma outra pessoa te esperando preocupada. Deixar de ser o individual pro coletivo. Essa é a parte mais difícil.

Ela valoriza muito o companheirismo existente hoje entre eles, uma relação de troca e de apoio mútuo. É muito próxima da família, tem o relacionamento dos pais como um exemplo positivo, pela durabilidade e pelo carinho existente entre eles, e contou que com o plano do seu casamento, sua relação com a sogra melhorou muito. Para Leila, alguns fatores são essenciais para manter a relação deles: “além do amor, é a confiança, né, é o querer estar junto e o respeito. Tem que ter. Se faltar um pouco de alguma coisa, não vai dar certo. Até mesmo esse fato de conversar tudo. De poder trocar, conversar, confiar, respeitar.”.

Já Gilberto, tem 31 anos e é analista judiciário, e casado há três anos. Conheceu Vanessa, sua esposa, através do Orkut de uma amiga, que era prima dela. Eles começaram a sair, a se conhecer e depois de um tempo a ficar junto e namorar. Namoraram por sete anos, e quando ambos se formaram na faculdade e arrumaram um emprego, decidiram se casar. Durante o namoro houve fases em que se viam menos ou mais, por um bom tempo só aos finais de semana. Mas afirmou que no total se viam bastante, até por terem muitos interesses em comum, sempre faziam coisas juntos. Depois que eles casaram passaram a ficar mais tempo em casa, e ele pôde perceber mais detalhes da vida de Vanessa, que não apareciam muito enquanto namoravam. Eles têm uma convivência tranquila, apesar dos ciúmes dela, que o incomoda bastante. Encontram a família dela com frequência, inclusive fazem viagens juntos, enquanto que a família dele mora em Pernambuco, o que torna os encontros mais escassos. Sua mãe é viúva e tinha uma relação complicada com o pai, de violência e traições, o que ele afirma ter como exemplo oposto da sua relação. Com o seguro de vida que o pai deixou para ele e pra o irmão, ele comprou o apartamento onde vive com a esposa atualmente. Gilberto acredita que para a manutenção de sua relação os elementos mais importantes são: “o companheirismo mesmo, a parte da amizade... E o carinho entre nós dois. Acho que é a parte que vai fazer com que dure bastante.”.

Romero, de 28 anos, é engenheiro civil. Está casado há dois meses, mas já havia tido a experiência de morar com a esposa durante um intercâmbio enquanto eram namorados. Eles estudavam juntos na escola, onde se conheceram, e no terceiro ano do ensino médio “ficaram” algumas vezes até começarem a namorar mesmo, o que aconteceu após saírem da escola. Eles namoraram por nove anos até se casarem. A ideia do casamento foi sendo amadurecida ao longo do tempo, e

como eles já tinham uma convivência muito grande, a mudança foi algo muito tranquilo, de forma que a diferença na relação estaria apenas em ter um lugar só deles. Eles são muito companheiros, fazem muitas coisas juntos, e Romero valoriza muito esta união: “Não só ser minha companheira, mas ela é... Ela faz as coisas junto. Ela gosta de... Sei lá, dividir um pouco essa vida comigo. Isso eu gosto bastante.” Como estudaram juntos, tem praticamente os mesmos amigos, que frequentam muito a casa deles desde que casaram, e também tem uma convivência muito próxima com as duas famílias, que já eram bastante ligadas desde a fase de namoro deles. Considera o relacionamento de seus pais um exemplo a ser seguido, pela cumplicidade que existe entre eles, por estarem sempre juntos. Para ele, o mais importante na manutenção do seu relacionamento são o companheirismo e a paciência.

Os entrevistados a seguir são casais, iniciando pela mulher e depois o homem. Cada parte contou a história do relacionamento de sua forma, com alguns pontos de destaque diferentes, e por isso optei por reproduzi-las separadamente.

O primeiro par é Maria e Alberto. Eles foram entrevistados no mesmo dia, em casa, e enquanto um era entrevistado na cozinha o outro aguardava na sala. Foi interessante observar os comentários entre eles, inicialmente sobre contarem a mesma história para mim, ou seja, os relatos de cada um deles estarem de acordo com o do outro, e depois da entrevista com piadas sobre o que teriam falado do (a) companheiro (a).

Empresária, Maria tem 30 anos e é casada com Alberto há um ano. Eles se conheceram em um bar, em um encontro de amigos em comum, mas ele estava em um relacionamento, e só um ano depois passaram a conversar mais, se conhecer melhor e começaram a sair. Eles “ficaram” e logo um estava indo dormir na casa da família do outro todos os dias, até que oficializaram o namoro. Com pouco mais de um ano de namoro decidiram comprar uma casa e casar, cansados das idas e vindas de mochilas das casas dos pais, e com dois anos enfim se casaram. Ela contou que o início da convivência foi bastante complicado pra ela, porque pareceu que foi muito incerto, como contou:

Quando a gente, assim que a gente casou, foi bem confuso. Porque quando você, uma que quando você casa, você tá naquele “oba oba” do casamento, da festa, com todo mundo em cima. É... E depois, é você se acostumar com o outro que não tem a mesma sintonia que a sua casa. Então foi perrengue,

assim, no começo foi brabo, foi uma coisa assim “uhul, vamos ver se vai dar certo e tal” e enfim...

Depois de um tempo se acostumou, especialmente com o jeito “totalmente oposto” do marido, com hábitos e dinâmicas diferentes, e eles conseguiram encontrar um equilíbrio. A relação dos pais é um grande exemplo no sentido de duração e de abrir mão das coisas um pelo outro, algo que ela espera realizar na relação dela. A capacidade de ceder e o equilíbrio foram destacados como aspectos que eles estão desenvolvendo, até para lidar com as diferenças de personalidade. Manter esse equilíbrio é essencial para que eles continuem juntos, afirmou:

Então eu acho que é isso, assim, que esse equilíbrio que a gente tem hoje, fazer ele acontecer não importa o que aconteça, entendeu? Não importa se a gente vai ter esse padrão de vida que a gente tem hoje, não importa se a gente vai ter um padrão de vida muito superior ou se a gente vai ter um padrão de vida muito inferior. Vamos tentar manter a mesma história. [...] Eu acho que tem que ser, a gente tem que pensar assim, de estar junto, de fazer as coisas junto e vai ficar tudo bem.

Alberto é arquiteto de 35 anos. Como estavam sempre juntos, ou na casa dos pais dele ou na casa dos pais dela, a ideia de dividir uma casa lhe pareceu uma coisa natural, contou, já que eles queriam ter mais espaço e montar uma rotina que se encaixasse melhor para os dois, pois o trânsito constante entre as casas era desgastante inclusive pelos hábitos diferentes de cada família. Com o casamento e a mudança para a casa deles, Alberto acredita que passaram a discutir menos, por terem menos intervenção externa, e afirma que as brigas agora estão concentradas nas épocas de “TPM” de Maria. Valoriza muito a parceria que existe hoje entre eles, que foi algo que construíram ao longo da relação, e afirma que o mais importante para manter o relacionamento deles é a cumplicidade, “ser transparente, ser honesto, ser leal, né.”.

O próximo casal, Júlia e Manoel, também foram entrevistados em casa, mas optaram pela entrevista no quarto, para que o outro ficasse com a casa disponível para fazer o que quisesse. Destaco aqui também as piadas ocorridas após as entrevistas, sobre supostos segredos que teriam sido contados, e após a fala de Manoel, a curiosidade de Júlia sobre o que ele haveria dito sobre ela e sobre a relação deles.

Com 28 anos, Júlia está cursando sua segunda graduação, em relações internacionais. Ela mora com Manoel há quatro meses e eles irão se casar em 2016.

Eles se conheceram em uma boate onde estavam com amigos em comum, mas só depois de três meses começaram a “ficar” e dois meses depois a namorar. Eles namoravam há sete anos quando decidiram morar juntos, e ela explica que no início não eram tão apaixonados como hoje: “Cara, a gente, no início assim, a gente se gostava, mas não era tão apaixonado que nem é hoje, com certeza não. Sei lá, acho que você vai construindo isso. Hoje eu não vejo minha vida sem ele de forma alguma.”. Eles amadureceram muito juntos, inclusive em termos profissionais. Relatou que a relação com os pais que melhorou depois da mudança, se sente mais valorizada por eles. Já havia dois anos que Manoel falava em ir morar juntos, mas ela queria esperar, pois como não trabalhava, não queria ficar dependente dele financeiramente. Conforme ele avançou na carreira, decidiu que ia sair de casa e perguntou se ela iria junto. Ela aceitou, eles alugaram um apartamento, e aos poucos foi se acostumando com o fato de estarem em fases diferentes. Hoje com a bolsa de estágio ela tenta ajudar ao máximo na casa. Para que eles continuem juntos, segundo Júlia, o essencial é que um ame o outro. “Que enquanto tiver isso, tá funcionando.”

Manoel tem 30 anos, é médico. Contou que quando alugaram o apartamento, o qual ela está adorando, se surpreendeu, pois achava que ela poderia se incomodar por ser mais longe do centro da cidade que sua antiga casa. Com o casamento marcado, ele já considera que estão casados, como diz “Só vai casar mesmo ano que vem, mas já tá casado. Tá morando junto, já é casado já.”. Contou que a grande diferença depois que passaram a dividir a casa é que a parceria entre eles aumentou, porque agora dividem todo o tempo um com o outro, então tudo que ele faz, ele pensa nela também. Declara-se muito feliz com este novo momento, especialmente pela relação que existe entre eles, de muito cuidado e carinho. Em sua opinião, para manter o relacionamento deles “Primordial é continuar sempre pensando no outro. Saber que o outro é a sua vida. Você não é mais você só, entendeu? A partir do momento que você são vocês dois.”.

Joana e Kleber também optaram por serem entrevistados em casa. Enquanto um era entrevistado no escritório, o outro seguia com seus afazeres. Mais reservados, não falaram muito antes e depois das entrevistas, ao menos enquanto eu estava presente.

Joana, fisioterapeuta de 27 anos de idade, mora com Kleber há dois anos. Ela o conheceu na praia, por terem um amigo em comum, logo começaram a sair e em

seguida a namorar. Antes de completarem um ano de namoro já estavam morando juntos em um apartamento alugado em cima da casa da sogra dela. Contou que o começo dessa vida a dois foi um pouco complicada, por não estarem acostumados um com o outro e nem com as responsabilidades da casa, mas em nenhum momento eles pensaram em se separar. Essas questões foram sendo resolvidas com paciência e facilitadas por eles terem pensamentos parecidos:

[...] porque se um quiser ficar saindo e voltar tarde, e o outro quiser dormir cedo, por exemplo, ou então, tipo, um é super controlado pra gastar e o outro não... Então acho que você tem que se adequar e querer mais ou menos ter os mesmo interesses, planejar as coisas junto...

Colocou que o casal é bastante ligado à família, especialmente com seus pais, que são divorciados, e eles costumam encontrá-los com frequência, bem como aos amigos, não passando muito o tempo livre a sós. Na visão de Joana, duas coisas se destacam como mais importantes para manter a relação deles: a reflexão que conduz à certeza do sentimento pelo outro e a paciência com o companheiro: “é você confiar no que você sente pela pessoa [...] e pra você conseguir não brigar muito, não se questionar tanto, é ter paciência né.”.

Kleber é advogado, tem 25 anos de idade. Afirma que logo resolveram morar juntos porque ela já queria sair da casa da mãe e ele pensava em morar sozinho, mas se sentia acomodado na casa dos pais. Foi quando surgiu a oportunidade de alugar o apartamento onde sua tia morava, contou:

[...] o apartamento com um preço razoável, barato, e a gente juntou, na época eu era até estagiário, eu falei “Joana, você tá maluca, porque eu não tenho condições de pagar...”, essas coisas assim... Ela disse que dava um jeito, que a gente ia se acertando, e aí a gente acabou acertando de morar junto e viemos pra cá.

Eles conseguiram acertar tudo, inclusive sobre sua relação, que no início da mudança mudou um pouco, por conflitos de individualidade, “porque cada um queria fazer suas coisas”. Ele afirma que cresceu muito morando com ela, e que jamais voltaria atrás desta decisão. O casal convive bastante com os amigos e a família, inclusive seus pais moram ao lado deles. Para Kleber, é importante para manter a relação:

[...] ficar demonstrando o que a gente sente pelo outro, nem que seja de vez em quando. [...] Não só ficar na mesmice, no dia a dia, porque eu acho que isso vai cansando um pouco. Mas assim... Eu tento, por exemplo... Vou no mercado, eu tento comprar um negócio, dou ideia pra gente fazer alguma coisa diferente... [...] Tentar se esforçar e olhar um pro outro só, eu acho que fica melhor.

Por fim, o casal Paloma e Luciano. Eles foram entrevistados em casa, e enquanto um era entrevistado na sala o outro ficava no quarto. Foi interessante observar a dinâmica entre eles logo que cheguei, preocupados com a arrumação da casa e com a presença do cachorro, para que não atrapalhasse a entrevista.

Paloma tem 29 anos, é administradora e mora junto há cinco meses. Ela conheceu o Luciano em uma festa, um mês depois começaram a namorar, e em pouco mais de um ano decidiram morar juntos. Conta que tudo aconteceu muito rápido, desde o início até alugarem o apartamento onde moram atualmente: “Foi assim, tudo muito rápido, nunca tinha acontecido assim, nada tão rápido na minha vida.”. Durante o namoro eles se encontravam praticamente todos os dias, indo sempre um dormir na casa do outro. Ela coloca que isto fez com que a transição para a nova casa fosse tranquila, pois eles já tinham muita convivência. A mudança na relação é especialmente atribuída aos cuidados da casa e, em um aspecto positivo, a maior liberdade que os dois têm juntos naquele ambiente ao mesmo tempo em que cada um tem o seu espaço respeitado pelo outro. Ela acredita que seu relacionamento sofre a influência do relacionamento dos seus pais, que passaram por uma separação bastante complicada há seis anos, o que a deixou mais desconfiada e menos carinhosa. Na opinião de Paloma, o mais importante para que eles mantenham a relação é ter sempre diálogo, “não deixar acumular alguma coisa que esteja te irritando.”.

Luciano tem 29 anos, é biólogo. Ele contou que desde o início eles pensavam em morar juntos, pois ambos já planejavam sair da casa dos pais, então depois da decisão de se mudar, e em apenas um mês eles viram o primeiro apartamento e se mudaram. Foi tudo muito rápido, mas ao mesmo tempo muito tranquilo:

De repente ela me falou “Comecei a ver um monte de coisa” e quando ela me apresentou eu falei... Eu sempre fui muito pé no chão com, por causa das finanças e tudo mais... Mas depois eu fui fazer as contas e eu vi... Eu falei “Então vambora!”, “Já que você já viu tudo, vamos seguir em frente.” E aí ela começou a agitar, começou a comprar tudo, e quando eu vi, ela já tinha comprado tudo e a gente tava aqui.

A relação de casado deu certo desde o começo, afirma. Eles têm uma rotina de trabalho semelhante, e aos finais de semana aproveitam para curtir a casa, encontrar os amigos ou visitar a família. Seus pais são separados desde que era pequeno, mas ele os tem como um exemplo pela cumplicidade que existe entre eles até hoje, aspecto mais valorizado por ele para manter sua relação. Descreve esse sentimento da seguinte forma: “A cumplicidade de poder conversar sobre tudo todo o tempo, de contar o que aconteceu no dia de trabalho, de perguntar pro outro como é que foi o dia, de querer saber.”.

Diante destes breves resumos, podem-se observar alguns pontos comuns entre os relacionamentos e as histórias contadas por cada pessoa. O primeiro aspecto que gostaria de destacar é sobre a duração dos relacionamentos. Embora muitos estejam morando juntos há pouco tempo, a maioria dos relacionamentos já dura mais tempo. Dentre os oito indivíduos que foram entrevistados sem o companheiro, cinco estão na relação há mais de cinco anos. E entre os casais, três dos quatro tem mais de três anos de relação. Assim, ainda que se esteja observando a dinâmica dentro de uma moradia conjunta, essa história já construída entre os parceiros possui grande relevância em termos da própria decisão de morar junto e/ou casar, e também na construção e manutenção desta nova fase do casal.

Sobre a escolha de casar ou não, também é interessante apontar como os entrevistados se colocaram. Os dados são: seis entrevistados relataram terem planos de realizar um casamento, quatro não mencionaram o assunto, e apenas um informou não ter interesse em se casar. Vê-se então que há a valorização do matrimônio já não é tão grande como em outros tempos, e o mais importante é o relacionamento em si, principalmente em termos de qualidade e satisfação. Como coloca Bozon (1995, p.123), “A despeito da diminuição dos casamentos, seria falso concluir pelo declínio do casal.”. O fato de não casar não implica o desejo de não permanecer no relacionamento.

Um dos aspectos que pode ser indicativo do desejo de continuidade da relação é o desejo de ter filhos com o (a) parceiro (a). Este dado apareceu na maioria das entrevistas quando da pergunta sobre a existência de planos para o futuro. Dentre os dezesseis entrevistados, doze manifestaram a intenção de ter filhos em curto e médio prazo. Dois afirmaram não saber se terão esta vontade no futuro e dois afirmaram não querer filhos. Sabe-se que atualmente ter um filho não significa manter uma relação para a vida inteira, mas o fato de estabelecer este

planejamento com o companheiro (a) indica uma ideia de futuro para o casal. Da mesma forma, outros planos colocados como a aquisição de um imóvel e viagens para daqui a alguns anos, também são significativos da expectativa de durabilidade.

Outro item que foi especificado, diz respeito aos elementos que os entrevistados acreditam serem os mais importantes para manter o relacionamento que possuem hoje. Os mais mencionados foram o companheirismo/querer estar junto, seguido por cumplicidade, paciência, diálogo e amor. Estes ideais são permeados pelo ideal de reciprocidade, que se revela aspecto essencial nestas relações. Pode-se acreditar que essas percepções indicam a valorização da amizade dentro do relacionamento, posto que estas características estão bastante relacionadas com este sentimento, inclusive por sua existência necessariamente recíproca. Este panorama estaria, portanto, de acordo com as recentes pesquisas feitas por Dolzani (2009) e Albuquerque (2009) sobre relacionamentos amorosos no Rio de Janeiro, aonde chegaram a semelhante resultado.

Um tema também abordado nas pesquisas sobre relacionamentos conjugais é a fidelidade. Cabe destacar que esta foi indicada por todos os entrevistados como fundamental para o relacionamento, e para muitos a sua quebra significaria que já não existe reciprocidade entre os elementos acima valorizados, o que retiraria o sentido da união do casal.

É igualmente interessante notar que não foram percebidas, nos discursos apresentados pelos entrevistados, colocações que indicassem relevantes diferenças de gênero sobre os temas abordados. No entanto, esse aspecto poderá ser mais bem observado nos capítulos seguintes, sobre a divisão do trabalho doméstico e a sexualidade, onde ainda que não explicitamente, os entrevistados revelam particularidades entre as visões mais igualitárias e mais tradicionais já dimensionadas anteriormente.

Nas análises realizadas ao longo deste trabalho, também será possível observar que outros elementos também estão fortemente relacionados com a possibilidade de manter a relação conjugal, especialmente aqueles que mais se destacaram nas entrevistas, na minha percepção, a divisão do domicílio e do trabalho doméstico, a intimidade e a vida sexual. Estes tópicos serão também relacionados com as questões acima mencionadas, sejam elas: o tempo de relacionamento e os valores essenciais para a manutenção do casal.

3 TRABALHO DOMÉSTICO: UMA QUESTÃO DESCOBERTA

“Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como "este foi difícil"
"prateou no ar dando rabanadas"
e faz o gesto com a mão.
O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.
Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.
Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.”

Casamento – Adélia Prado

Embora o trabalho doméstico não tenha sido tema de nenhuma das questões colocadas na pesquisa, o assunto apareceu de maneira espontânea na grande maioria dos discursos dos entrevistados. Desta forma, pode-se notar a relevância de sua vivência no cotidiano dos casais contemporâneos, posto que foi apresentado tanto por homens quanto por mulheres. A fim de contextualizar o tema, situando-o no tempo atual e relacionando ao trabalho pago, farei uma breve introdução teórica antes de dar prosseguimento à análise dos dados.

Na sociedade brasileira, uma família considerada tradicional nos segmentos médios teria o homem como provedor financeiro e a mulher como cuidadora do lar. Através do tempo, houve uma “modernização” de valores e comportamentos, permitindo que novos arranjos familiares fossem aceitos socialmente, embora ainda

se possa observar a confluência do “moderno” com o tradicional. Scalon e Araújo (2005) destacam que os avanços da individualidade e da autonomia dos indivíduos colaboraram para o início das mudanças nas relações de poder na família. Comparativamente ao cenário anterior, de patriarcalismo e soberania masculina, as modificações que vêm ocorrendo no sentido de promoção de maior igualdade entre os gêneros têm um impacto maior sobre as mulheres, considerando aqui especialmente a vida conjugal. (SCALON; ARAÚJO, 2005)

Deve-se ressaltar como coloca Vaitsman (1994), que as alterações que perpassam a subjetividade ocorrem de forma mais lenta, nem sempre no ritmo das mudanças sociais. Deste processo, emergiu, então, uma crise dentro da família diante da dicotomia entre público e privado, característica deste tempo. Os espaços se misturaram e os papéis familiares flexibilizaram-se, possibilitando a escolha de posições diversificadas e até mesmo mudanças mais radicais, inclusive sobre aspectos morais, como na liberdade de posicionamento da mulher sobre a virgindade. (ALBUQUERQUE, 2009) O crescimento do afeto como motivo para constituir ou dissolver uma relação é também um indicativo desta mudança.

Certamente esta modificação dentro da família está diretamente relacionada com o aumento da presença da mulher no mercado de trabalho. A emergência da mulher dentro da universidade, especialmente daquelas provenientes da classe média, abriu espaço para o questionamento da hierarquia familiar e social existente entre os gêneros. Ampliou-se o espaço para as individualidades, permitindo que se desenvolvesse a busca pelos mesmos direitos para ambos os cônjuges. (SCALON; ARAÚJO, 2006; ALBUQUERQUE, 2009; VAITSMAN, 1994) O valor da igualdade começou a penetrar nos relacionamentos conjugais.

Giddens (1993) aponta para a importância do preceito de igualdade nas relações heterossexuais atuais, considerando o existente desequilíbrio entre os recursos financeiros e as responsabilidades sobre o cuidado doméstico entre homens e mulheres. Espera-se maior igualdade sobre estes aspectos, ainda que não em um sistema de paridade total, mas de forma equivalente, negociada de maneira autônoma entre o casal.

Antes, era comum que a mulher abrisse mão de seus projetos para seguir o marido, geralmente mais velho, com uma carreira já estabelecida, colocando o casamento como centro de seu cotidiano, o que muitas vezes gerava frustração. Com os novos espaços conquistados, a mulher, bem como o homem, passaram a

ter a possibilidade de assumir diferentes caminhos. (VAITSMAN, 1994) Assim, as mulheres adquiriram, com a inserção no mercado de trabalho, mais autonomia diante de seus parceiros e também poder de consumo e satisfação pessoal. Cabe ressaltar que não se impõe o seguimento ou não de modelos tradicionais, mas sim há uma maior liberdade, ainda que limitada e relativa, para que cada pessoa escolha a postura que deseja adotar.

Em sua pesquisa, Guedes (2009), demonstra que as mulheres com nível universitário, caso das entrevistadas neste trabalho, são representantes do desenvolvimento da individualidade e das conquistas femininas no espaço público. Para elas o campo familiar não perde sua importância, porém deixa de ser a prioridade absoluta e passa a ser negociado com outros setores da vida social. Portanto, esta mudança também está presente no espaço privado, como coloca a autora.

Cada casal hoje é capaz de criar o seu sistema de regras através de diversos processos de negociação, e mesmo onde há situações de dominação, pode-se ver também situações de resistência e de força de mudança. (ALBUQUERQUE, 2009; CYRINO, 2009) Essas negociações são apresentadas a todo o momento ao longo das entrevistas, e podem significar mais uma evidência da evolução do parâmetro igualitário dentro do contexto socioeconômico e cultural trabalhado.

Falando sobre moralidade e questões sexuais, Dauster (1986, p.106) aborda a igualdade de gênero de uma forma que se encaixa perfeitamente no contexto aqui abordado, afirmando que “se a linguagem do igualitarismo entre os gêneros não anula as suas diferenças, questiona, porém, as suas hierarquizações.”. Há, portanto, uma busca de uma realidade mais igualitária entre os casais que quebre com o tradicionalismo da mulher dona de casa e do homem provedor.

Através de survey nacional, Scalon e Araújo (2005) mostram que há realmente uma mudança na percepção sobre as relações, traçando um caminho de desenvolvimento de posições mais igualitárias, com menor hierarquização, maior simetria entre os gêneros e maior aceitação sobre a igualdade de homens e mulheres no trabalho. Cabe ressaltar, como expuseram Torres, Marques e Maciel (2008), que essa divisão é mutável ao longo do tempo de união do casal, e que aqui estão colocados casais jovens, com um tempo curto de união (entre 2 meses e 4 anos).

O trabalho remunerado tornou-se protagonista na busca pela autorrealização e pelo prazer, especialmente nas camadas médias e altas, onde se tem na escolaridade um papel importante na afirmação desses valores mais modernos. Essas percepções também são mais encontradas entre jovens, moradores de áreas urbanas e indivíduos com menos religiosidade. Neste cenário, o emprego é um aspecto substancial do cotidiano, que passa a compor a identidade dos indivíduos, tanto na esfera pessoal quanto coletiva, colaborando na inserção social e na autonomia individual. (TORRES; MARQUES; MACIEL, 2008; SCALON; ARAÚJO, 2005, 2006; GUEDES, 2009) Como afirma Elias (1993), especialmente nas camadas mais altas da sociedade, o trabalho se tornou um elemento tão forte no dia a dia das pessoas que ameaça o equilíbrio de sua personalidade caso este lhes falte.

Contudo, Scalon e Araújo (2005, 2006), observam em sua pesquisa que os homens continuam valorizando mais os papéis de mãe e esposa em referência à identidade feminina, mostrando uma permanência do modelo tradicional, apesar das mudanças ocorridas. As autoras apontam que embora a grande maioria dos entrevistados concorde que homens e mulheres devem contribuir para a renda familiar, o percentual daqueles que acreditam que o homem deve prover o sustento e a mulher cuidar da casa ainda é muito alto, com 52,3% dos homens e 45% das mulheres. Isso demonstra que embora possa ser aceito o trabalho pago feminino, ele ainda é considerado secundário na administração doméstica, de maneira que, muitas vezes, o trabalho remunerado para a mulher está condicionado ao ambiente doméstico, ao passo que para os homens é um campo naturalizado.

É interessante a observação de que mesmo quando há uma gestão mais igualitária da administração doméstica, não necessariamente isso significa que há mais igualdade entre o casal, mas pode ser simplesmente realizada por ser um meio de incluir mais recursos e aumentar a renda familiar, sem desconsiderar as relações de poder envolvidas nesse contexto, posto que a dimensão financeira seja relevante na autonomia dos sujeitos atualmente. (SCALON; ARAÚJO, 2005)

Neste estudo, como será mostrado, todos os entrevistados apresentaram opiniões que parecem favoráveis ao trabalho das mulheres fora de casa, inclusive todas as mulheres entrevistadas estão inseridas no mercado de trabalho, bem como há identificação do emprego de ambos como parte da construção da relação. Como se tratam aqui de pessoas jovens, de classe média, com nível universitário, deve-se

considerar a relevância desses indicadores, que tendem a revelar posturas mais modernas.

O trabalho doméstico aparece como o principal elemento de mediação entre o espaço público e a família, afirmam Scalon e Araújo (2005). Esta atividade está diretamente relacionada com o trabalho remunerado, já que o tempo disposto no segundo interfere no primeiro. No entanto, o cansaço proveniente do emprego parece não ser causa de interferência na execução das atividades da moradia, bem como o cansaço dos afazeres domésticos também parece não refletir sobre a dinâmica de trabalho fora. Nesse sentido, é interessante avaliar que o equilíbrio entre os dois ambientes, distribuindo bem o tempo e a dedicação, se relacionam diretamente com a satisfação individual com o trabalho e com a própria relação conjugal.

Uma maneira de administrar esse tempo é utilizando os finais de semana para realizar os afazeres do lar. Scalon e Araújo (2005), afirmam que esta atitude é bastante comum, especialmente entre as mulheres, colocando que estas se sentem mais pressionadas em relação às tarefas domésticas e acabam priorizando atividades que envolvem mais o bem estar do outro, enquanto os homens parecem aproveitar melhor o tempo de lazer com interesses próprios. Como será possível observar, entre as pessoas que entrevistei, este uso do tempo é também bastante corriqueiro, embora, aparentemente, de forma mais igualitária entre os casais.

Um importante dado sobre a dinâmica de gêneros no trabalho doméstico é apontado em estudo do IPEA (2012, p.4) onde se constatou que “em 2009, 90% das mulheres das mulheres brasileiras com 16 anos ou mais de idade afirmaram realizar afazeres domésticos, comparados a 50% dos homens.”. É possível ver, então, como a desigualdade de gênero neste contexto está ainda presente, apesar dos avanços já alcançados.

Dentre estes estudos, destaco os de Torres, Marques e Maciel (2008) e de Scalon e Araújo (2006), que apresentam estatísticas demonstrando como a mulher acaba sendo a grande responsável pelos trabalhos domésticos, mesmo que ambos os gêneros reconheçam a importância do envolvimento do homem nesta rotina. Também em análise do IPEA (2012), a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), destaca-se a predominância da responsabilidade feminina sobre este aspecto, apesar da constatação de muitas transformações em outros campos, como na educação e no mercado de trabalho. Como afirmam as

autoras citadas acima, o tempo todo aspectos mais tradicionais estão misturados com aspectos mais igualitários nas relações de gênero dentro da família.

Estas colocações conduzem à pesquisa de Ribeiro (2005), que revela que entre os casais, 69% das mulheres afirmam que são sempre responsáveis pelo trabalho doméstico e 40% dos homens que a divisão é igualitária. Sobre esta discrepância, o autor expõe que de acordo com a literatura feminista, as mulheres costumam ter uma perspectiva mais realista sobre este assunto, enquanto os homens são mais benevolentes. Assim, pode ser estimado que entre os casais brasileiros as mulheres tendem a realizar 4/5 dos afazeres domésticos, e entre os casais onde ambos exercem atividade remunerada, é estimado que as mulheres realizem 2/3 destas tarefas. Mas embora pareça haver mais igualdade entre os casais em que os dois cônjuges estão inseridos no mercado de trabalho, a média nacional está de acordo com outros países, onde os homens afirmam que fazem entre 20 e 30% do trabalho do lar.

De acordo com pesquisa de Scalon e Araújo (2005), os homens participam mais nas atividades de pequenos consertos domésticos, pagamentos no banco, enquanto as mulheres assumem quase totalmente as tarefas de passar roupa, lavar a louça e cozinhar. Apenas a ida ao mercado apresenta uma distribuição mais igualitária.

No entanto, as autoras (Idem, 2005, 2006), colocam que embora possa existir uma divergência entre a fala e a ação, onde o número de homens que afirmam dividir as tarefas domésticas igualmente é consideravelmente maior que o de mulheres, as mulheres não demonstram sentirem-se injustiçadas por terem que trabalhar mais, bem como os homens também não percebem injustiça em trabalharem menos. Parece haver então um paradoxo entre uma fala igualitária e um modelo de ação tradicional.

Sobre estes posicionamentos, talvez seja possível relacioná-los com as observações de Torres, Marques e Maciel (2008), Ribeiro (2005) e do IPEA (2012), que indicam que mulheres que tem melhores salários trabalham menos em casa, e tendem a ter companheiros que dividam mais as tarefas domésticas. De maneira geral, mulheres que exercem atividade remunerada costumam ter opiniões mais críticas e estarem mais de acordo sobre um sistema mais igualitário entre os gêneros. As mulheres mais qualificadas também costumam contar com o auxílio de uma empregada doméstica para ajudar, especialmente na limpeza e para passar

roupas, tarefas mais associadas ao gênero feminino, como já observado. (TORRES; MARQUES; MACIEL, 2008) Cabe lembrar que é especialmente entre os grupos mais escolarizados que se valoriza mais a individualidade e, conseqüentemente, espera-se por valores e atitudes mais igualitárias. (SCALON; ARAÚJO, 2005, 2006)

Dessa forma, como afirma Cyrino (2009 p.74): “[...] mesmo no que se refere à dupla jornada de trabalho, não há como homogeneizar a experiência das mulheres.”. O mesmo pode-se dizer sobre os homens. Como expõe a autora, é possível que os homens não valorizem tanto as atividades domésticas que executam por não as considerarem um peso, como as mulheres muitas vezes fazem. Tendo o trabalho fora de casa como elemento central de seu cotidiano, não valorizam as tarefas que executam em casa.

Outro aspecto pertinente à questão está no reconhecimento do trabalho que é executado em prol do bem estar do casal e da manutenção doméstica. (TORRES; MARQUES; MACIEL, 2008) Não se trata apenas de afazeres domésticos, mas também da consideração com a relação, o comprometimento, o sacrifício, o respeito. Cuidar da casa seria uma demonstração da importância atribuída ao relacionamento, no esforço em proporcionar um ambiente agradável de convivência.

Como destaca Giddens (2002), o compromisso é fundamental na relação pura (baseada em ideais mais igualitários e na satisfação mútua), pois fornece a sustentação que antes era dada pelo ambiente externo, como pela família. Assim, estar comprometido indicaria que a pessoa está disposta a vencer obstáculos, suportar algumas situações, em nome do relacionamento e do que em si este proporciona. Bem como os demais aspectos da relação de casal atual, o comprometimento espera por reciprocidade, onde seja reconhecido que ambos se esforçam. Este movimento recíproco parece ser tão mais exigido, por homens e mulheres, quanto avançam as relações igualitárias, inclusive no ambiente doméstico.

Relações mais tradicionais e mais igualitárias se misturam, mas o fato é que a divisão de tarefas é um tema complexo e gerador de muitos conflitos, ainda que muitos casais possam negar ou minimizar o problema. As formatações assumidas pela divisão dos afazeres domésticos são influenciadas pelas escolhas e valores dos indivíduos, pelos contextos, pelos diferentes níveis de liberdade ou limitação de suas ações. (TORRES; MARQUES; MACIEL, 2008; SCALON; ARAÚJO, 2005, 2006)

Através das observações sobre os relatos dos entrevistados, sabendo que nesta pesquisa a temática emergiu espontaneamente, apresentarei como a realização do trabalho doméstico configurou-se como uma das maiores mudanças na passagem da vida de solteiro para a vida conjugal, bem como será possível perceber como os casais buscam ajustar suas demandas e negociar suas responsabilidades a fim de estabelecer um equilíbrio e evitar conflitos.

3.1 Como seria e como é de fato

As tarefas domésticas são parte importante e constante do cotidiano das famílias. Entre os entrevistados, muitos destacam como uma das principais mudanças com a partida para morar junto ou casar, a responsabilização pela manutenção do domicílio. Alguns até relatam que executavam pequenas tarefas quando moravam com seus pais, e outros que tudo era feito pelos seus pais, ou mesmo por uma empregada doméstica. Seguem-se algumas respostas diante do questionamento sobre as mudanças ocorridas no relacionamento no novo contexto de habitação:

Assim, aumentam as obrigações, aumentam as tarefas... Infelizmente eu não chego mais em casa e tá tudo pronto... (Fábia, 28 anos, médica, mora junto há cinco meses.)

O que mudou... Tem que arrumar a casa, né... E... Eu acho que só isso. (Paloma, 29 anos, administradora, mora junto há cinco meses.)

A grande diferença são as coisas que eu tenho que fazer, que antes tinha empregada todo dia, então... Po... Ficava trabalhando no computador, meio-dia "o almoço tá na mesa", levantava, ia comer direto, acabou. Acabei de comer, coloco o prato na pia e volto a trabalhar. Agora não. Eu tenho que fazer o almoço, eu tenho que comer, eu tenho que lavar a louça depois do almoço, arrumar as coisas da casa e tal. Essa é a grande diferença. (Manoel, 30 anos, médico, mora junto há quatro meses.)

Mudou. Mudou porque... É... São muitas decisões. Cuidar de uma casa é muito chato, dá muito trabalho. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

Mais complicado?... Duas coisas. Uma vai soar engraçada. Eu não cozinho, passei a cozinhar. (risos) Isso foi bem complicado. (Leila, 31 anos, gerente de banco, mora junto há oito meses.)

No início foi complicado, mas hoje em dia a gente já se ajeitou e tá bem melhor... Assim... Cada um sabe o que tem que fazer na casa. (Kleber, 25 anos, advogado, mora junto há dois anos.)

As falas evidenciam a importância que o trabalho doméstico assumiu na rotina dos casais, sendo destacado também como um ponto de transformação do comportamento individual. A adaptação ocorreu, nesta pesquisa, para homens e mulheres, que passaram a assumir deveres que não possuíam antes.

Dentro desse contexto, há uma busca por uma divisão de tarefas mais igualitárias entre homens e mulheres. São feitas negociações, acordos, visando distribuir os deveres para que nenhuma das partes fique sobrecarregada e, conseqüentemente, evitar conflitos.

Nas entrevistas realizadas, foi possível observar o apontamento de posições mais igualitárias entre homens e mulheres em relação à divisão do trabalho doméstico, inclusive quando os dois componentes do casal foram entrevistados. Um exemplo está na fala de Kleber, companheiro de Joana, que diz:

O que ela tem feito, por exemplo, e que ela gostaria que eu fizesse, é levar o lixo. Só que como eu saio muito cedo, eu não tenho condição de ficar catando lixo da casa inteira e tendo que levar, eu normalmente saio correndo... E... Aí o que a gente fez, pra parar de brigar... No início a gente brigava muito, por conta da louça, essas coisas de casa... A gente fez um acordo: ela lavava a roupa e estendia e eu lavo a louça. Só que de vez em quando eu também deixo de lavar e ela também deixa de lavar, aí sempre rola um atrito, mas... Então, assim, a partir do momento que eu chego em casa, já tento fazer o máximo que eu consigo, por exemplo, cuidar dos gatos, colocar ração, e lavar minha parte lá. (Kleber, 25 anos, advogado, mora junto há dois anos)

E na fala de Joana:

Ah, é até uma coisa que a gente combinou quando se mudou: dividir as coisas da casa. Porque a gente tem faxineira de 15 em 15 dias, então as coisas da casa a gente separou assim: ele lava a louça, ele cuida do lixo dos gatos, dos nossos lixos também, joga fora e tal, e eu faço a comida, até porque senão ele não ia fazer, e lavo roupa. (Joana, 27 anos, fisioterapeuta, mora junto há dois anos.)

É possível observar como a realização destes afazeres foi causadora de conflitos no início da realização conjugal, adquirindo uma dimensão de importância

que afetava a convivência do casal. Assim, foi estipulado um acordo que, embora as brigas não tenham sido extintas, diminuiu os problemas gerados nesse campo. Percebe-se também o intuito de fazer esse acordo de maneira igualitária, respeitando a autonomia de cada indivíduo.

No entanto, podem-se ver outras posturas também, onde aparentemente há uma mistura entre atitudes mais tradicionais e mais modernas, como na fala a seguir:

Eu não gosto muito de fazer as coisas de casa. No máximo lavar a louça, eu lavo a louça, tem dois gatos, então a gente cuida dos gatos. Mas eu nunca gostei. Então essa parte ela faz, ela faz. Quando ela não pode fazer eu faço. Varrer, assim, limpeza, coisa e tal, eu não gosto de fazer, mas se ela não faz eu acabo fazendo. Então quando ela não pode, ela tem que estudar, ou se eu não lavo a louça, tenho que sair pro trabalho, aí ela lava a louça. É questão do momento. A gente vai se adaptando. (Gilberto, 31 anos, analista judiciário, casado há três anos.)

Apesar de referir já estar mais acostumado com uma rotina de tarefas por ter morado algum tempo sozinho antes de casar, Gilberto mostra que a grande maioria das tarefas da casa fica por conta de sua esposa. Essa postura mais tradicional se mescla com a mais igualitária quando ele afirma que se ela não pode fazer, ele faz, demonstrando certa flexibilidade.

Alguns valores serão destacados nas falas seguintes a fim de ilustrar também esse quadro de ambiguidade:

Talvez assim, por exemplo, o meu salário vai ser o principal salário da casa. Eu também quero me experimentar nessa função sabe? Hoje é o dele. Isso é representativo, acho, que pra cada um. Pra mim é, né. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

E aí você vê que são duas pessoas muito diferentes né. Tipo, um menino que foi criado como um rezinho, que a mãe fazia tudo pra ele, e minha mãe sempre deixou a gente muito independente. (Cristina, 28 anos, professora, mora junto há um ano.)

Então eu chego em casa, ele não... ele não briga porque eu não lavei a louça num dia, ele entende essas coisas. Isso eu acho muito importante também. Não tem aquele pensamento machista tipo "ah, você é mulher, você tem que fazer". (Júlia, 28 anos, estudante de relações internacionais, mora junto há quatro meses.)

Na fala de Clara, notamos que existe um lugar comum do homem como aquele que tem a função de sustentar a casa. Ela exalta a possibilidade de poder

ocupar esse lugar, assumindo essa experiência como um ganho, ainda que tenha que abrir mão de outras coisas para manter o padrão de vida do casal, evidenciando a importância da quebra do padrão tradicional.

A afirmação de Cristina demonstra a diferença existente na criação de homens e mulheres, baseadas no modelo tradicional de homem provedor e mulher cuidadora do lar. Ela tendo todo o conhecimento sobre as tarefas domésticas e seu parceiro totalmente desconectado dessa realidade. A relação de casal assumiu a função de promover maior igualdade de gênero, já que ela transmitiu seu conhecimento para ele, que atualmente executa as tarefas tão bem quanto ela, segundo afirmou.

Por fim, Júlia afirma a existência de comportamentos machistas que exigiriam a execução das tarefas domésticas pela mulher, e fica satisfeita ao constatar que seu companheiro não tem esse posicionamento. Dentro de um acordo mais igualitário de divisão dos afazeres domésticos, eles conseguem articular suas faltas sem que surjam conflitos.

Todos os aspectos mostram a presença de valores que contrariam a ideia tradicional de homem provedor e de mulher cuidadora do lar. Através das entrevistas podemos ver, portanto, como as mulheres buscam tornar realidade um sistema mais igualitário nas relações conjugais, e como os homens agem positivamente sobre este ideal.

Outros entrevistados mostram como pode haver realmente acordos igualitários entre os casais, ou mesmo, uma possível troca de papéis do modelo tradicional, com o empoderamento feminino diante de seus companheiros. Analisemos as falas de Paloma e Maria:

Mas ele faz tudo relacionado ao cachorro, de limpeza. E confesso até que ele arruma mais coisas em casa do que eu também, por que... Eu trabalho no, ele também trabalha no Rio, mas... É... Eu chego mais tarde, e às vezes viajo... E aí ele acaba arrumando mais coisas. Mais vezes, né, a casa. (Paloma, 29 anos, administradora, mora junto há cinco meses.)

Porque eu sou muito bagunceira e ele é muito... Muito arrumadinho. E ele tem que arrumar a casa, e tem que estar tudo limpo, e tem que arrumar o armário, eu jogo tudo no armário E ele tá sempre falando "tem que arrumar o armário, tem que arrumar o armário, nhenhenhe...". Aí eu fico um pouco irritada às vezes. Eu sei que tem que arrumar, mas eu não quero. (Paloma)

Pensando pelo lado dele, eu acho que incomoda muito eu não gostar de participar de nada da casa, nada, assim, zero, odeio, qualquer coisa. Tipo,

se tiver que lavar a louça, eu vou ficar puta, tipo... Mas eu faço, tem que fazer, não tem jeito. (Maria, 30 anos, empresária, casada há um ano.)

Pode-se identificar nessas passagens, um afastamento da figura feminina enquanto maior responsável pelos afazeres domésticos. Por mais que seu discurso possa não corresponder exatamente à prática, como mencionado na revisão teórica apresentada acima, percebe-se que não há da parte delas um sentimento de obrigação ou mesmo de não estar cumprindo o seu papel de mulher. Ainda que Maria acredite que isto possa incomodar seu marido, em nenhum momento ela cogita uma mudança de comportamento ou mesmo reprova sua atitude, bem como Paloma, ao deixar clara sua vontade de não arrumar o armário.

Há, portanto, uma variedade de configurações que vão sendo ajustadas pelos casais ao longo da relação. Não só no que diz respeito às tarefas domésticas, como mesmo em relação à administração financeira, influenciando na mudança do padrão tradicional homem provedor/mulher do lar.

Ao diferenciar-se do marido da seguinte maneira:

É porque assim, não é que eu gosto mais de trabalhar, ele tem a necessidade de ficar em casa muito mais do que eu. Eu não. Eu gosto de ficar na rua. [...] Então eu chego às vezes em casa onze horas, meia noite, em casa do trabalho ou do mestrado, qualquer coisa, e ele entende. (Maria)

Maria expõe como o trabalho consolida sua identidade social também dentro de sua relação. O emprego não se configura apenas como meio de sustento, mas como significante da esfera existencial. A mulher assume uma posição de autonomia claramente fortalecida pelo trabalho remunerado, e o parceiro é capaz de compreender e aceitar essa nova forma. Essa relação é demonstrativa de posicionamentos mais igualitários assumidos pelo casal, onde são respeitadas as individualidades.

Estas transformações de valores e comportamentos, portanto, são visualizadas na análise das entrevistas realizadas nesta pesquisa, onde vemos uma variedade de situações e papéis exercidos por homens e mulheres, que circulam entre o tradicional e o moderno, parecendo caminhar para uma posição mais igualitária entre os gêneros.

Para demonstrar esta afirmativa, temos a fala de Alberto, que diz:

A decisão é tomada muito em conjunto. De qualquer coisa. Seja um evento pra ir, ou sei lá, uma mudança na casa, um meio de colocar as coisas, onde vai colocar o lixo, sabe? (Alberto, 35 anos, arquiteto, casado há um ano.)

Este compartilhar de decisões no casal é característico de um modelo mais igualitário de convivência, de respeito às opiniões individuais e de reconhecimento do papel do outro enquanto parceiro.

Esses novos valores incluem também modificações nas dinâmicas econômicas que determinam o sustento do domicílio. Vê-se o exemplo de Julia, atualmente com a casa sustentada pelo marido, mas mantendo seu emprego e fazendo a segunda graduação, sem perder de vista seus planos individuais. Outra formatação é relatada por Kleber, que quando resolveu morar com sua namorada, estava ainda na faculdade, e foi ela quem sustentou a casa por um bom tempo, ao mesmo tempo em que também o incentivava a seguir seu curso. Estes casos são também ilustrativos das novas configurações familiares, especialmente se tratando de casais sem filhos.

Um elemento de grande importância a ser observado refere-se à relação entre trabalho doméstico e comprometimento com a relação conjugal. Clara ilustra essa ideia ao responder os motivos da ocorrência de brigas que ela mencionara:

Brigas? Fazer comida, limpar a casa... Ele se acha fazendo mais, cuidando mais do que eu... E isso já... E era verdade, enfim... Isso foi uma briga bem intensa, assim. [...] E aí eu também senti que eu tinha que acordar mais e ficar mais... Tomar a casa mais pra mim, no sentido de me responsabilizar pela comida, tudo isso. Saber o que tá faltando... Eu não, não sabia. E aí isso foram brigas, assim, intensas. Brigas intensas mesmo. Porque tem um tema essa briga, né, é o outro sentir que tá dando mais no relacionamento do que você. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

Aqui se expõe a importância do reconhecimento para além da divisão de tarefas. Dividir os deveres domésticos com o parceiro indica o comprometimento com o bem-estar da relação, com a qualidade da convivência do casal em um contexto de conjugalidade. Demonstrar que valoriza o ambiente em que vivem parece ser indicativo da valorização também do relacionamento. Assim, como colocou Giddens (1993), o compromisso é essencial nos relacionamentos puros. E isto parece estar refletido também neste contexto.

Assim, através das entrevistas foi possível observar a dimensão da importância do trabalho doméstico que é atribuída pelos indivíduos. Isto fica claro desde o momento que se constata que o assunto surgiu espontaneamente na

pesquisa, não tendo sido apontada nenhuma questão direcionada ao assunto. Além disso, o fato de ser um dos principais causadores de conflito na relação, seja pelo desprazer de executar as tarefas, pela necessidade de negociação de sua divisão ou pelo reconhecimento do comprometimento com o relacionamento que este trabalho envolve, indica ser este um foco na transformação dos comportamentos diante da busca de uma realidade de maior igualdade entre os gêneros.

Com esse contexto mais igualitário e de divisão do trabalho doméstico, passo à análise da vivência conjugal da sexualidade e da intimidade, onde a ideia de igualdade e os reflexos das responsabilidades com a manutenção do lar estarão presentes e relacionados.

4 SEXUALIDADE E INTIMIDADE

“O teu querido umbiguinho,
Doce ninho do meu beijo
Capital do meu Desejo,
Em suas dobras misteriosas,
Ouço a voz da natureza
Num eco doce e profundo,
Não só o centro de um corpo,
Também o centro do mundo!”

Mário Quintana – O umbigo

A sexualidade e a intimidade se apresentam aqui relacionadas ao tema do capítulo anterior. Isto porque nas entrevistas, a maioria dos entrevistados relatou uma diminuição na frequência das atividades sexuais após o casamento ou irem morar junto. Dentre as justificativas apresentadas, como será mostrado, predominou especialmente entre as mulheres o cansaço do dia-a-dia, proveniente do trabalho fora e dentro de casa. Analisarei se estes motivos encerram-se em si mesmos e que outras questões são motivadoras desta mudança de comportamento sexual. Outro aspecto que emergiu nas entrevistas está relacionado à importância dada pelos entrevistados à vivência sexual no relacionamento. O sexo aparece como um dos caracterizadores da união conjugal, que a diferenciaria de uma parceria de amizade, por exemplo, e agregaria valor à intimidade do casal. A intimidade aparece para algumas entrevistadas como um elemento relacionado ao cotidiano sexual, embora para a maioria contemple diversos outros elementos da convivência, como o compartilhamento de seus pensamentos e atividades e um facilitador da revelação autêntica de quem se é. Estas características observadas nos discursos serão embasadas teoricamente e em seguida os dados da pesquisa serão apresentados, tomando primeiro a sexualidade e posteriormente a intimidade.

4.1 Sexualidade

O sexo considerado enquanto uma construção social, caracteriza-se por não ser universal, não ser inato, não ser um fenômeno meramente biológico ou psíquico, mas ser uma atividade aprendida e estar relacionado ao âmbito do poder. Como explica Elias (1993), já na infância o indivíduo começa a desenvolver o autocontrole em sua personalidade, equilibrando a autocensura com os impulsos libidinais e a realidade, sendo um processo sem fim. O poder sobre o próprio corpo, a liberdade sexual, antes mais demonstrativa do poder masculino, está evoluindo atualmente também como parte do poder feminino. Com isso, a vivência sexual ocorre de formas diferentes, em suas manifestações, valores e significados em cada cultura, e mesmo em diferentes grupos de uma mesma sociedade. (HEILBORN, 2006; GIDDENS, 1993) Como exposto no primeiro capítulo, Foucault (2014) afirma que a sexualidade foi se tornando cada vez mais a “verdade” do indivíduo, pois a partir do século XVI o discurso sobre o sexo foi sendo cada vez mais convocado, disseminando e implantando sexualidades de variadas formas, levando a desenvolver-se a partir do século XIX, nas sociedades ocidentais, uma ciência da sexualidade, que inclui a “confissão” do indivíduo sobre o sexo como ferramenta do seu desenvolvimento. Há, então, uma busca da verdade sobre o sexo, sabendo-se de sua importância na realidade das pessoas.

Historicamente, tem ocorrido uma progressiva e gradual liberação da sexualidade no contexto público ocidental, apresentada nas dinâmicas de poder, a exemplo do feminismo, na construção de identidades, como na questão da homossexualidade, e mesmo na acessibilidade a conteúdos sexuais, tendo sua exposição nas diferentes mídias existentes na atualidade. (HEILBORN, 1999; LIPOVETSKY, 2007) O mesmo se desenvolve dentro da esfera privada, tendo em vista que essas relações sociais estão também relacionadas à subjetividade dos indivíduos, à experiência amorosa, do sexo e da intimidade. Há uma tendência à maior liberdade de comportamentos e experiências sexuais. (HEILBORN; PRADO, 1995)

No Brasil, como expõe Heilborn (2006), existe um imaginário de que há uma identidade nacional erotizada, de liberdade sexual em amplo aspecto que de fato

não está presente no cotidiano dos indivíduos. Esta colocação está expressa nas declarações da pesquisa do ano de 2002, apresentada pela autora, realizada em três capitais de diferentes regiões do Brasil, onde temos a maioria dos sujeitos com nível de escolaridade até ensino médio (maioria dos entrevistados) considerando o sexo como uma prova de amor pelo(a) parceiro(a) e a maioria daqueles com nível superior tendo uma visão do sexo como fonte de satisfação e prazer individual. A ideia do sexo como prova de amor é um dos preceitos do amor romântico, como explica Giddens (1993), o que revela uma herança histórica nesse imaginário.

Acredito que a constatação de Heilborn (op.cit.) através da análise dos dados de sua pesquisa, de que a grande maioria dos entrevistados, tanto homens quanto mulheres em todos os níveis de escolaridade, consideram inaceitável fazer sexo com outras pessoas estando em um relacionamento afetivo, pode demonstrar certo controle sexual entre os indivíduos, provavelmente ligado à valorização da fidelidade.

Esta percepção da sociedade brasileira como divergente do mito da super sexualização, está declarada também na pesquisa de Paiva, Aranha e Bastos (2008), de âmbito nacional e realizada em 2005, onde a opção mais escolhida pelos entrevistados, homens e mulheres, foi igualmente que o sexo é uma prova de amor pelo(a) parceiro(a). No entanto, ao considerarem-se as variáveis de nível de escolaridade e renda familiar, como na pesquisa de Heilborn (2006), foi constatado que quanto mais alto o nível de escolaridade e de renda familiar, maior a afirmação do sexo como fonte de prazer ou de satisfação, sendo de fato a opção mais escolhida no mais alto nível de cada um dos dois indicadores.

Estes dados indicam que há um forte apego ao ideal amoroso ao mesmo tempo em que há uma crescente valorização da satisfação individual. Na ideia do sexo enquanto prova de amor, pode ser observada uma relação com a satisfação do parceiro, sentimental e física, no sentido de querer provar algo a alguém, e o sexo como um instrumento de comprovação da intenção amorosa para com o outro. Já no sexo como prazer pessoal, percebe-se o destaque da individualidade, influenciada pela maior liberdade neste campo, que permite a experiência sexual mais independente da dimensão amorosa. No entanto, o que é observado nos estudos teóricos e também nas entrevistas desta pesquisa, é que a dimensão sentimental e a da satisfação física estão intimamente ligadas quando dentro da relação conjugal.

Como destaca Lipovetsky (2007), hoje os impulsos sexuais são contidos pela valorização dos laços sentimentais, do ideal de felicidade em uma relação de casal, da proximidade comunicativa e da troca de intimidade. Buscando consolidar um relacionamento, os sujeitos muitas vezes “abrem mão” da liberdade sexual e de outras possibilidades de experiências de prazer, pelo reconhecimento obtido através do outro. Cabe ressaltar que tanto este ideal romântico quanto o de liberdade sexual são muito variáveis entre os indivíduos, não só por percepções psicológicas, como pelos contextos culturais e sociais específicos em que vivem. (HEILBORN, 1999)

Mas antes de entrar no universo da convivência do casal, cabe refletir sobre o contexto em que estas relações se iniciam atualmente. Como expõe Giddens (1993), a maioria das pessoas no ocidente atualmente já possui experiência e conhecimento sexuais acumulados quando decidem casar ou morar junto, descartando o possível constrangimento da primeira relação e até mesmo diminuindo o aprendizado sexual entre o casal. Esta liberdade da prática sexual antes do casamento é fruto da, assim chamada pelo autor, sexualidade plástica, onde a sexualidade é descentralizada e livre da exigência reprodutiva. O autor destaca que a possibilidade de reprodução sem o ato sexual foi o auge da liberdade concedida ao sexo, passando pela contracepção, permitindo a valorização do prazer e das relações sexuais, ainda que cada sociedade tenha suas normas e limitações sobre a vida sexual.

Essa transformação da sexualidade é indicada por Heilborn e Prado (1995) em sua pesquisa com mulheres, onde a arte erótica deixa de ser um domínio de determinado grupo e se torna acessível à maioria dos indivíduos, mostrando como têm se intensificado a percepção da experiência sexual como uma necessidade da existência pessoal. O sexo é considerado uma forma de comunicação e de troca, relacionado a diversas variáveis influenciadas culturalmente, como intimidade, sentimentos, corpo, preferências e amor.

Assim, o sexo tornou-se parte do cotidiano dos relacionamentos amorosos, e mesmo critério de satisfação sobre a relação e o parceiro, colaborando na condução ao desenvolvimento ou ao rompimento da mesma. Como indicam as autoras acima citadas, as mulheres entrevistadas assumem que apenas o sexo não sustenta uma relação, mas uma relação sem sexo prazeroso também não é possível de se consolidar. O prazer sexual recíproco é essencial para a manutenção do casal, tanto para as mulheres quanto para os homens, conduzindo a um envolvimento íntimo de escuta e atenção aos desejos, preferências e dinâmicas do outro, dando liberdade à

expressão individual das expectativas dos indivíduos. (GIDDENS, 1993; LIPOVETSKY, 2007)

Apesar desta valorização do sexo na relação, isso parece não estar relacionado à quantidade, mas à qualidade da vivência. Uma pesquisa realizada pelos pesquisadores Muise, Schimmack e Impett da Universidade de Toronto-Mississauga, entre 1989 e 2012, com 30 mil norte-americanos em casamentos heterossexuais ou relacionamentos de casal de longo prazo, revelou que para obter satisfação nesse campo, bastava uma relação sexual por semana, indicando que é realmente importante manter uma conexão com o parceiro (a), mas que não é necessário que a prática sexual seja diária, já que uma frequência maior que esta indicou uma diferença muito pequena no nível de felicidade. (IG São Paulo, 2015) Essas colocações parecem estar de acordo com alguns posicionamentos entre os entrevistados da presente pesquisa, ainda que a maioria não tenha especificado o número de relações por semana, a satisfação sexual está presente mesmo onde houve diminuição na frequência de relações sexuais, como será visto. Estes dados vão ao encontro da perspectiva de Lipovetsky (2007), que afirma que a satisfação da vida sexual não está apenas relacionada à quantidade sexo, mas também ao desejo do outro, à sedução, à cumplicidade e à intensidade dos sentimentos que o indivíduo tem pelo outro. Logo, quando alguém está insatisfeito na relação, provavelmente não é só por uma ausência de atividade sexual, mas por diversos fatores que colaboram em sua realização.

4.2 A vivência do sexo no cotidiano dos entrevistados

A partir das observações apresentadas, analiso como estas aparecem nos relatos sobre os relacionamentos, como também acrescento outros elementos que surgiram com destaque no discurso dos entrevistados. Início a análise com algumas colocações sobre o que o sexo significa para os entrevistados.

“Não sei se existe diferença de como a gente enxerga o sexo e tal, mas pra mim o sexo faz parte de carinho, né... Então reduzir a frequência é reduzir a troca de carinho, de intimidade também.” (Leandro, 34 anos, empresário, mora junto há dois anos.)

“Ela tenta me agradar, é... Sexualmente... Da minha parte consegue me agradar! Eu consigo satisfazer dentro do possível, nem sempre, porque nem sempre é possível [...]” (Gilberto, 31 anos, analista judiciário, casado há três anos.)

“Não é a coisa mais importante, mas é uma coisa muito importante, talvez uma das mais importantes, né. Acho que tudo caminha junto né.” (Paloma, 29 anos, administradora, mora junto há cinco meses.)

Na fala de Leandro, percebemos a ligação do sexo com o afeto, como parte da troca entre os indivíduos na relação, e é demonstrada a importância da atividade sexual para a qualidade do relacionamento. Da mesma forma, Paloma expressa como o sexo está relacionado com os demais aspectos da vida a dois, sendo um elemento forte no desenvolvimento do relacionamento. A posição de Gilberto frisa a relevância da satisfação sexual entre os pares, o que revela ser este um fator a ser também considerado como promovedor de qualidade ao envolvimento casal. Quando ele afirma que nem sempre consegue satisfazer a esposa, está se referindo ao fato de ela estar com limitações da saúde, e acredito que isto indique a importância do sexo para o indivíduo, que se esforça para superar os problemas e alcançar o prazer tanto individual quanto do parceiro.

Diante dessas significações, não seria menos do que esperado perceber também o valor dado à frequência sexual. Como os entrevistados avaliam as mudanças ocorridas neste aspecto após o casamento ou ir morar junto, que importância isso tem em seus cotidianos, como isso afeta a relação, serão alguns pontos a serem percebidos nos discursos a seguir.

“Cansa... Mas é bem intenso. Normalmente é de... Sete dias da semana, cinco. [...] Se ele tiver muito cansado, eu durmo mais. Se ele não tiver muito cansado eu durmo menos.” (Leila, 31 anos, gerente de banco, mora junto há oito meses.)

“Po, você tem muito mais clima né? Qualquer hora do dia... Dane-se. Não interessa! Não tem ninguém em casa, não vai incomodar ninguém. É outra coisa. Isso é muito bom. Morar junto é muito bom por isso.” (Júlia, 28 anos, estudante de relações internacionais, mora junto há quatro meses.)

Diminui, assim, realmente diminui, mas não chega a uma coisa que incomoda. Não é uma coisa que incomoda. Também pelo fato de você chegar em casa, mais cansados os dois, e também tem coisa pra fazer e tudo mais... Quando não tinha essa responsabilidade da casa a gente ficava livre o tempo todo. (Luciano, 29 anos, biólogo, mora junto há cinco meses.)

Tem um frisson, né, enquanto namorados que muda, não é que acaba, mas assim, é de outro jeito né. Tem... Teve um dia que eu desci pra ir no mercado, era sexta a noite, aí eu vi um rapaz todo arrumadinho, eu pensei "hum... tá esperando a namorada descer pra eles saírem.", "ah! Eu quero isso de novo!" (risos). E eu acho que isso reflete... Isso... Isso passa também pela fantasia e vai lá no sexo né... Refletir no sexo. Essa coisa de esperar, de envolver... E sentir os desejos também. E aí no casamento a gente precisa ser mais criativo, e isso dá muito trabalho. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

Então a questão financeira influi um pouco, por que aí você... Vai trabalhar, vai ter que correr atrás, vai ficar estressado pra conseguir resolver seus problemas... E ela por um certo tempo ficou muito estressada com o mestrado. Diminui um pouco o desejo... Então passa, a partir do momento que casa, essas coisas acontecem. Então acaba... Acaba diminuindo a frequência, acaba afetando um pouco. (Gilberto, 31 anos, analista judiciário, casado há três anos.)

Estas falas ilustram grande parte das opiniões acerca das mudanças sentidas e apresentadas pelos entrevistados. A fala de Leila é uma exceção no sentido da frequência sexual, que ela relata como grande e sendo cansativa, e que para a maioria dos entrevistados decaiu com a transição para o domicílio comum, mas tem em comum com outros discursos a relação com o gênero, já que para muitas mulheres seus parceiros gostariam de ter muito mais sexo do que elas estão dispostas a fazer. O principal motivo apontado para essa redução da frequência é o cansaço, do trabalho e do dia a dia, como relatado por Luciano, e o estresse, colocado por Gilberto, o que demonstra que esta não é uma realidade apenas para elas.

Outro aspecto de grande importância, mas que não apareceu para muitos entrevistados, acredito pelo pouco tempo em que estão morando juntos, é a importância de manter o desejo através da criatividade no cotidiano, colocada por Clara. Como ela expõe, o desejo do encontro, a espera, a intenção, a fantasia, são aspectos que estão presentes durante o namoro e que se modificam com a convivência do casal. O sexo também possui uma subjetividade que entra como agregador de qualidade ao relacionamento.

Já a fala de Júlia avalia a mudança positivamente, com a aquisição de liberdade e privacidade para a prática sexual. Tendo a própria casa, o casal consegue ter maior flexibilidade no tempo, no espaço e mesmo na vontade. Sem contar com um momento específico de encontro, a possibilidade de acontecer a relação sexual se torna mais espontânea e prazerosa.

No entanto, para outros essa mudança de disponibilidade influenciou diminuindo a frequência sexual, como se pode ver nos seguintes comentários:

Mas assim, mudou parcialmente. Porque a gente se via final de semana. Então ficava aquela loucura final de semana. Não é mais uma loucura final de semana. Durante a semana, quase não acontece nada mesmo, mas a gente não se via antes. Só que você fica com aquela sensação de que era todo dia, porque era toda vez que a gente se via. (Cristina, 28 anos, professora, mora junto há um ano.)

Quando a gente não estava morando junto, a frequência era muito alta. A partir do momento que a gente começou a morar junto a frequência diminuiu, né. A gente já tentou conversar e tal, se isso é algum problema por causa da convivência... (Leandro, 34 anos, empresário, mora junto há dois anos.)

Por exemplo, eu ia pra lá sábado e domingo, então eu ia lá porque... Hoje não, eu super cansada “não, daqui a pouco”, “depois”, “amanhã”. Então isso mudou. Isso muda muito, assim, essa ideia de amanhã a gente vai estar junto então eu posso adiar. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

E também houve entrevistados que não perceberam mudanças na vida sexual após a união conjugal:

“Do início do namoro mudou pro meio e pro final. Mas pro casamento a gente não... O que eu acho estranho é que parece que a gente nem casou. Parece que foi continuando e a gente só se mudou pra cá, pro apartamento.” (Romero, 28 anos, engenheiro civil, casado há dois meses.)

“Continua a mesma coisa. Continua assim, do mesmo jeito de quando a gente namorava. [...] É, a mesma frequência, tudo... O mesmo jeito.” (Bruna, 32 anos, enfermeira, casada há um ano.)

Nota-se que existe uma grande variedade de posicionamentos em torno das mesmas situações. Para alguns entrevistados a frequência sexual diminuiu, para outros se manteve a mesma do namoro, outros se sentem muito cansados, outros estressados. Há diferenças de gênero, onde as mulheres expressam sentir maior cansaço e terem menor disposição para o sexo que os homens; diferenças pelo tempo de relacionamento, posto que entre os casais que estão há mais tempo juntos parece ter havido mais ocorrências de diminuição da frequência sexual em relação ao tempo de namoro; diferenças nas dinâmicas dos casais, como aqueles que afirmam trabalharem demais tem menor frequência do que os que passam mais tempo juntos. De toda forma, é demonstrada a importância do sexo no

relacionamento, não sendo um fator isolado ou apenas um detalhe, mas como um grande influenciador no equilíbrio e na satisfação dos indivíduos na relação conjugal. Essa relevância dada ao sexo também se encontrará na intimidade, como será colocado.

4.3 Intimidade

Atualmente a intimidade é um dos elementos de grande importância nas relações de amizade, conjugalidade e família. Historicamente, com a desvalorização do ambiente público, uma visão intimista foi se tornando cada vez mais o caminho para a produção de sentido, transformando a intimidade em algo a ser protegido e preservado do mundo exterior. (GIDDENS, 2002; SENNETT, 1988)

Como explica Giddens (1993), a intimidade coloca-se nas exposições emocionais e comportamentais que não seriam passíveis de serem apresentadas pelo indivíduo em um contexto público. Quanto mais espontâneos os impulsos e as emoções do indivíduo, maior o risco para a sua existência social, pois se mostrará mais vulnerável e com um fraco autocontrole, afirma Elias (1993). Assim, mais valorizado se torna o ambiente particular, onde a pessoa poderia “ser ela mesma” sem medo de consequências negativas.

Entra neste contexto a privacidade, protegendo e permitindo que a intimidade aconteça de forma livre no espaço particular, compensando o isolamento no espaço público. (GIDDENS, 2002; SENNETT, 1988) Desta forma, o ambiente privado é cada vez mais um aspecto essencial na vida do indivíduo contemporâneo, onde ele realiza suas trocas mais próximas, dá acesso ao outro conhecê-lo em suas características que considera mais peculiares, e é capaz de conhecer o outro da mesma forma, longe da “intromissão” do mundo externo.

Observando os discursos acerca da intimidade entre casais, é perceptível o protagonismo da comunicação neste contexto, para além da sexualidade. Os indivíduos querem compartilhar seus sentimentos, seus pensamentos, suas vontades, e tudo isso exige especialmente confiança em um contexto democrático de igualdade entre os envolvidos. Como expõe Foucault (2014), esta exposição de informações é derivada do rito de confissão da Igreja Católica, que está presente em

diversas esferas da vida social além das relações afetivas, como na justiça e na medicina, onde o indivíduo confessa ao médico suas ações e sensações para que seja diagnosticado, ou revela ao juiz seus crimes para ser julgado. Assim a confissão se aplica tanto nos contextos públicos quanto privados, aqui entrando em cena na ideia de intimidade do casal.

A confissão envolve, portanto, a exposição do ser, superando medos e resistências para revelar verdades, com o intuito de ser aceito, perdoado, compreendido, salvo. Impõe a presença do outro, que no papel de ouvinte é também o responsável por corresponder ou não à expectativa do confessor, o que acaba por gerar também empoderamento. (Idem) O outro é procurado pelo indivíduo porque é respeitado por ele, porque acredita que seja confiável. Assim, a confissão que se apresenta na intimidade é também responsável por fortalecer a confiança entre os envolvidos.

Esta confiança, bem como a intimidade, não é dada, mas construída entre os parceiros, e conquistada por cada um deles. (Giddens, 1993, 2002) Em uma situação apresentada por Sennett (1988), pode-se perceber como ocorre esta busca de igualdade e confiança na troca comunicacional para atingir a intimidade: entre entrevistadores de diagnóstico principiantes ocorria que, ao entrevistar uma pessoa, quando esta lhe contava algum sentimento ou detalhe de sua vida, o entrevistador respondia fazendo o mesmo. Ainda que não pelo mesmo objetivo, de certa maneira, é dessa forma que a intimidade vai se construindo entre o casal. As trocas são constantes, e mesmo fazem parte de um sistema de direitos e deveres que a intimidade dispõe. Quando essa troca deixa de ocorrer, o relacionamento pode até mesmo chegar ao fim. (GIDDENS, 2002; SENNETT, 1988)

Mas mais do que troca comunicacional, a intimidade propõe uma exposição de seres, de personalidades. O desejo que o indivíduo tem de revelar-se para ser reconhecido, para mostrar autenticidade. É através da intimidade que o outro pode perceber o caráter único de parceiro, amigo, ou parente, e vice-versa e mostrar-se comprometido. Cabe ao outro conhecer o melhor possível aquilo que a confiança lhe proporcionou, e utilizar este conhecimento para dar mais qualidade ao relacionamento. (GIDDENS, 2002; SENNETT, 1988) Através da colocação do eu exposto na relação conjugal, os indivíduos esperam ser compreendidos e aceitos em suas particularidades e valorizados por suas qualidades.

Outro ponto de exposição do indivíduo no contexto íntimo é o corpo. Um exemplo é dado por Heilborn (2006): compartilhar um copo atualmente é algo que se é feito com quem o indivíduo tem intimidade. A proximidade afasta ideias de sujeira, contaminação, do desconhecido, que pertence ao âmbito externo. Isto acontece também ao pensarmos nas trocas físicas, no sexo, no uso do banheiro, no compartilhar o banho, como será colocado pelos entrevistados.

Nessa exposição do corpo, um aspecto que pode ser destacado é a vergonha. Como expõe Elias (1993), a vergonha é provocada pelo temor do julgamento alheio, que pode desqualificar o indivíduo, o que gera também ansiedade diante de certas situações. Assim, quando a pessoa sente vergonha é por acreditar que o outro o avaliará como ela se avalia sobre o aspecto em exposição. Se estivesse seguro do caráter positivo de sua ação, não sentiria vergonha de partilhá-la. Este sentimento de vergonha pode surgir, então, diante da possibilidade de expor o corpo ao companheiro. Como colocado pelo autor, há atualmente um crescimento da valorização do visual, aumentando também a autocensura deste. E o que poderá ser observado nos relatos a seguir, é que a intimidade, a princípio, aniquila a vergonha. Ser íntimo implica não ter medo de se colocar perante o outro, de mostrar também a sua “verdade” física.

Cabe ressaltar que este foco sobre a intimidade no relacionamento deve considerar não só a privacidade do casal, mas também a privacidade individual. (GIDDENS, 2002) Ambas são essenciais para a manutenção da relação. Permitir ao outro expor o seu eu e, quando tiver vontade, recolhê-lo à sua própria intimidade, também constitui respeito à confiança que foi construída e reconhecimento do espaço que foi adquirido. Inclusive permite limitar a sobreposição das subjetividades. (DOLZANI, 2008) Estar à vontade para ter ou não intimidade em determinados momentos é uma liberdade que pode proporcionar qualidade à relação.

4.4 Como a intimidade é experimentada

A intimidade foi colocada pelos participantes da pesquisa como aquilo que permite: que “você seja você mesmo”; compartilhar de momentos que antes de morar junto eram muito pessoais; conhecer o outro em suas peculiaridades; a

privacidade, preservando a intimidade individual. Ideias semelhantes às apresentadas na apresentação teórica acima. Mas também foi apontada na fala de três mulheres uma relação direta entre intimidade e sexo, possivelmente pela relação do sexo com a privacidade.

Tendo em vista que a sexualidade foi o primeiro tema deste capítulo, iniciarei por este entendimento, a fim de compreender como eles se conectam de maneira tão direta nestas visões.

“Intimidade... Ah, sei lá, tudo relacionado a... Que a gente vive entre quadro paredes... Sexo... Acho isso.” (Bruna, 32 anos, enfermeira, casada há um ano.)

Eu acho que assim... É engraçado, porque antes eu ia dormir na casa dele, aí era aquela coisa “ai, vamos aproveitar, estamos juntos!”, agora... Assim... Não vou te dizer que piora, porque eu acho que a qualidade aumenta. Mas eu to sempre cansada. (risos) Então isso é um pouco chato. Então tem que ficar assim, final de semana e tal. Mas é natural eu acho, porque eu to muito mais cansada, ele também trabalha, faz um monte de coisa. Mas eu acho que tem mais momentos de intimidade no dia a dia. Por exemplo, às vezes a gente ri de uma coisa idiota que todo mundo acharia bobo, mas pra gente é engraçado, sabe... Acho que você fica mais companheiro da pessoa. (Joana, 27 anos, fisioterapeuta, mora junto há dois anos.)

Eu acho que o Alberto, ele tem um bloqueio com algumas coisas nesse sentido. Não sei exatamente o que. Com outros caras que eu já saí, eu era mais... Solta, eu era mais livre até. [...] Não sei se isso é simbolismo de intimidade entendeu? [...] E ele é mais reservado em tudo. Então a gente vai tentar transar dentro do carro, ele não consegue. Tipo, a parada não flui. Então é melhor a gente ficar lá em casa, tranquilo... Quando dá, quando não dá também, porque a gente não tem tempo... Enfim... Mas a gente vive essa intimidade. [...] Isso intimidade sexual, tá? (Maria, 30 anos, empresária, casada há um ano.)

Bruna já indica diretamente que para ela intimidade é sinônimo de sexo. De forma mais situacional, Joana e Maria descrevem aquilo que chamam de intimidade. Joana começa falando sobre seu cotidiano sexual, e ao final indica a percepção de outras esferas da intimidade, colocada no campo da personalidade. Da mesma maneira que sobre o sexo, parece indicar um contexto de privacidade, algo pertencente somente ao casal, de fato afastado daqueles que não pertencem ao ambiente interno de convivência entre os dois.

De forma semelhante Maria inicia sua explicação sobre a intimidade colocando alguns “entraves” da vivência sexual com o parceiro, o que talvez possa ser percebido como uma indicação de lacunas na intimidade do casal que ela

gostaria de preencher, buscando a reciprocidade. Mas também podemos perceber em sua fala a possível ação de uma forte autocensura de Alberto, talvez relacionada ao temor da exposição do seu corpo em público, ao medo do julgamento externo ou mesmo à insegurança de um ambiente que não lhe confere a segurança da privacidade. Assim, essas lacunas poderiam indicar não uma falta de intimidade entre os dois, mas um temor diante da possibilidade de expô-la.

Ao final de sua colocação, ela frisa que esse é o entendimento da “intimidade sexual”, e posteriormente fala também de outros tipos de intimidade, que estão conectadas com algumas visões semelhantes de outros entrevistados, especialmente sobre a troca realizada através da comunicação, do compartilhar de pensamentos e comportamentos, e da confiança entre o casal.

Tem outros tipos de intimidade. Tipo assim, quanto você tem no banco. Eu sei que têm amigas minhas que são casadas que não sabem quanto o marido tem no banco. Que não tem essa troca de informação monetária. A gente tem essa troca. Tem gente que não conversa nada sobre trabalho. A gente troca muito informação sobre “po, o que aconteceu no seu trabalho?”, “po, o que você pensa?”. É intimidade, assim, eu sou uma pessoa que gosta muito de filosofar. Ele é uma pessoa que não gosta muito de filosofar, mas ele leva a coisa muito pro lado da física, pro lado da química, então a gente troca muita informação. Que eu acho que é um tipo de intimidade, intimidade intelectual. Tipo, eu não falo tudo que eu penso pra todo mundo, tipo, “ah, eu acredito que somos todos energia...”, eu não vou sair falando isso, as pessoas vão achar que eu sou louca. Então eu troco isso com ele e ele entende totalmente. Então eu acho que somos bem íntimos. Ah, não. tem uma coisa. Não sei se ele te falou. (risos) ele não deixa eu ver ele fazendo xixi. Isso me irrita absurdamente, cara, absurdamente. Eu nunca vi o Alberto fazendo xixi. [...] Isso é o ápice da intimidade, o ápice, entendeu? (Maria, 30 anos, empresária, casada há um ano.)

Intimidade... Acho que intimidade, assim, a pessoa passa a saber de coisas mais... Mais... Íntimas, né, na parte da... Parte da questão do corpo, questão de segredos, algumas coisas do ritual diário né. [...] A nossa intimidade, a gente conta bastante coisa que a gente ta sentindo, que a gente ta fazendo, mas a gente não tem uma intimidade que muitos casais têm. Por exemplo, que é usar o banheiro os dois ao mesmo tempo, fazer o numero dois os dois juntos, não dá. Não, não consigo. Mas assim, a gente essa intimidade de... A gente toma banho junto, a gente conta quando alguém ta com algum problema, acho que isso... Acho que pra gente é tranquilo, a gente não tem esse... Tem coisa que a gente não acha muito romântica que a gente não faz, mas de resto... Eu acho normal... Eu acho que une um pouco mais você saber certas intimidades, então acho que é legal. Acho que ajuda no relacionamento. Porque eu acho que não faz muito sentido você casar, morar junto, o que for, e a pessoa ser uma estranha pra você na parte íntima... Não poder... Não poder contar algum segredo... (Gilberto, 31 anos, analista judiciário, casado há três anos.)

E vindo morar junto, você convive o tempo todo, você... Cara, é muito íntimo, né? Não tem como a pessoa não participar... Você vai fazer um xixi,

you esquece a porta aberta, não tem coisa mais íntima do que fazer xixi de porta aberta... Tipo... E eu to gostando muito. Também, isso é uma coisa nova, que a gente ta descobrindo, assim, como lidar: ele adora andar pelado em casa. Adora. E em casa, tipo, na casa dos meus pais a gente não convivia com isso. E você vai descobrindo o jeito do outro, descobrindo não, você vai conhecendo melhor, n? Eu já sabia que ele era assim, mas vai potencializando. (Júlia, 28 anos, estudante de relações internacionais, mora junto há quatro meses.)

Intimidade  você ter a chance de fazer coisas e falar,  você se mostrar por completo pra alguém, n. Então assim,  você não ter medo. De contar pra alguém uma coisa,  você não ter medo de se expor pra uma pessoa, você não ter medo de expor o corpo, então isso seria uma intimidade.  ter o respeito e não ter o medo, de saber que aquela pessoa vai te aceitar do jeito que você é, fisicamente, emocionalmente, isso seria intimidade. (Leila, 31 anos, gerente de banco, mora junto há oito meses.)

Acho que intimidade  você poder... ... Confiar na pessoa a ponto de poder falar qualquer coisa e... De se abrir realmente. E também não ter pudor... Quando é entre nós. Acho que é isso, é poder ser 100% aberto com a pessoa. Se você não é 100% aberto t faltando intimidade aí. Acho que isso. Ser 100% transparente ali entre os dois, sem que o outro reclame disso, ou se sinta mal em ouvir alguma coisa, ou se sinta mal em fazer alguma coisa... Ou que você se sinta mal em contar alguma coisa porque não confia realmente no... Que você pode falar aquilo pra pessoa. Tudo isso engloba a intimidade. (Luciano, 29 anos, biólogo, mora junto há cinco meses.)

Maria usa a todo tempo a palavra “troca”, demonstrando esta ideia como central na intimidade para além do sexo, expondo pensamentos e dividindo aspectos do seu dia a dia que não expõe para qualquer pessoa. O mesmo é relatado por Gilberto, que coloca também em jogo os segredos, ou seja, as coisas mais particulares que um indivíduo possui e apresenta para o outro não apenas como um gesto íntimo, mas de confiança. Ter a liberdade de dividir seus pensamentos e vivências aparece então como qualificador da intimidade do casal. No mesmo ideal de reciprocidade, Luciano e Leila afirmam que ser íntimo permite se expor totalmente, sem medo de aceitação ou julgamento, poder revelar tudo quanto se desejar, ao mesmo tempo em que se espera o mesmo comportamento do outro, para que haja uma “transparência” entre o casal, o que viria a colaborar no fortalecimento da confiança entre os parceiros. Não são uma confiança no sentido de conhecer seus pensamentos e comportamentos mais pessoais, como confiança no comprometimento com a relação, que se torna um espaço de liberdade para ser autêntico.

Tanto Maria quanto Gilberto e Júlia falam também sobre a questão da privacidade em relação ao corpo, principalmente no uso do banheiro. Maria

demonstra desconforto por seu parceiro ser reservado sobre isso e não colocar a sua privacidade de lado em nome do que ela acredita ser o máximo da intimidade entre ela e Alberto, o que ao mesmo tempo, pode indicar uma exigência de reciprocidade, de forma que a não exposição do outro poderia indicar uma falha na construção íntima deles.

Gilberto coloca como algo que não é romântico, e que ele e sua esposa optam por não fazer. Destaca-se aqui a valorização da privacidade que deve permanecer na vida conjugal, para além da expectativa de exposição total. Há um acordo sobre os limites do compartilhar do corpo que não se afasta do fortalecimento da intimidade a dois, mas sim a respeita.

Já para Júlia isso é visto com bastante naturalidade, parecendo não implicar nenhum tipo de questionamento. A exposição do corpo é espontânea e parece não implicar nos sentimentos de vergonha, ansiedade ou perda de individualidade. É interessante observar este aspecto, pensando nos limites da intimidade para cada indivíduo, e o quanto a privacidade entra como um ponto de intermediação entre o pessoal e o compartilhado.

Como mostrar o corpo, conviver com o corpo do outro é um ponto relevante na construção da intimidade. Neste contexto de confiança, a intimidade também permite ao indivíduo ultrapassar sua vergonha e projetar a liberdade com o próprio corpo e com o corpo do outro. Isto pode ser mais claramente observado em outras falas:

Quer dizer, aquelas coisas, nojeira faz na frente do outro... Tipo soltar pum, essas coisas e tal... Eu saio pelada do banho mesmo, todo mundo me vê pelada dentro de casa, to nem aí. (risos). Então a gente tem bastante intimidade. Eu tenho... Engraçado é porque eu não sei se... Eu sempre tive vergonha do meu corpo. Na época que eu comecei a namorar com ele eu tava bem mais magra. Mas mesmo assim, não era que eu tava mais magra e tava linda, Gisele Bundchen, né. Eu tava só um pouco mais magra. Mas eu me sentia muito bem com ele, sei lá porque, uma coisa de afinidade mesmo... E hoje é mesma coisa, tipo, a minha barriga tá 10 vezes maior, mas eu acho que essa coisa também da atenção e do carinho faz eu me sentir melhor. (Cristina, 28 anos, professora, mora junto há um ano.)

A gente pode andar de calcinha, de cueca pela casa... Pode andar a vontade... Acho que é mais isso. A gente tem liberdade, que a gente não tinha. Liberdade junto, né. E... Ao mesmo tempo cada um tem o seu espaço. Acho que a gente respeita muito isso. (Paloma, 29 anos, administradora, mora junto há cinco meses.)

A fala de Cristina é bastante significativa sobre as questões físicas que estão presentes no contexto íntimo. Ela coloca como em sua relação atual ela conseguiu eliminar a vergonha que já sentira de seu corpo, como se sente a vontade para mostrá-lo ao seu companheiro, o que indica o sentimento de confiança no outro, neste caso, sentido desde o princípio, como relatou, apontando para a importância deste sentimento na construção da intimidade e não apenas em seu fortalecimento. Paloma também valoriza a liberdade de expor-se fisicamente, ao mesmo tempo em que também ressalta a importância de manter a intimidade particular de cada um.

Assim, com todo esse desejo de compartilhar, todas as trocas permitidas pela intimidade, tanto emocionais, como físicas, psíquicas e comportamentais, a privacidade do indivíduo também é considerada. Ter espaço e tempo para si perpassa pelos limites da relação íntima, bem como perceber a perda da privacidade e levar em conta a presença da intimidade de cada indivíduo, das diferenças de percepção deste elemento na relação.

Assim, tem coisas que por mais que você tenha intimidade junto com a pessoa eu acho que... Sei lá, você tem o seu tempo e seu espaço pra fazer sozinho. Sei lá... Às vezes tomar banho é uma coisa que você... É bom tomar banho junto, mas tem certas horas que você quer tomar o seu banho sozinho e... Coisas fisiológicas também, obviamente, que não é legal. Acho que é isso, a intimidade não pode ser tão invadida assim. Tudo tem seu tempo. Você tem que ter seu tempo, mesmo que você divida a casa com a pessoa. Tem que ter seu canto, seu tempo, sozinho.” (Paloma, 29 anos, administradora, mora junto há cinco meses.)

A gente já tem um grau de intimidade tão alto um com o outro que... Acho que não existe nem mais tanta intimidade assim... Não sei nem o que responder nesse caso... Eu acho que a gente já tem intimidade assim... Da mais leve a mais... Assim... Que você só faria se estivesse sozinho... (Kléber, 25 anos, advogado, mora junto há dois anos.)

Acho que a intimidade talvez seja quando a gente... É pro outro o que a gente é. Acho que isso faz as relações, seja qual for, de amizade e tal, isso faz as relações se tornarem mais íntimas, né. E aí... Nessa ideia de intimidade... Eu acho que a gente tem essa relação íntima, mas isso não é fácil... É... Porque são duas intimidades, né, e eu acho que cada uma vai ser diferente, assim, no sentido de, a intimidade que eu vou ter com ele é diferente da intimidade que ele tem comigo porque, né, somos diferentes. Não é aquela coisa, né, o casal íntimo, uma coisa só, não... Nada disso. Não sinto assim. (Clara, 31 anos, jornalista, mora junto há quatro anos.)

Compreende-se então que, para os entrevistados, a intimidade passa pelos diversos setores do relacionamento conjugal. Está na importância da comunicação, do diálogo sincero sobre as vivências e sensações; está na exposição do eu

autêntico, um espaço para ser verdadeiro e não temer julgamentos; está na experiência da liberdade do corpo, de se apresentar também fisicamente ao outro contando com uma aceitação construída; está na confiança, confiança sobre o outro enquanto conhecedor das verdades do indivíduo e confiança no comprometimento que está contido no compartilhar da relação; está no reconhecimento individual, na percepção de si enquanto único, e na valorização desse ser pelo outro; na privacidade do casal e na privacidade individual. Em todos estes sentidos, é esperada a reciprocidade para que seja de fato considerada uma intimidade na vida conjugal.

A intimidade, bem como a sexualidade, parece estar dentre os fatores centrais da manutenção dos relacionamentos conjugais. Ambos estão conectados entre si e com os demais aspectos, como a divisão das tarefas domésticas, e envolvem o desenvolvimento e a escolha no prosseguimento ou não da relação. A dinâmica conjugal seria, portanto, equilibrada delicadamente em cada componente da vida individual e da vida a dois, e como estar junto, talvez na maioria dos casos atualmente, é apenas uma questão de escolha, a manutenção deste equilíbrio parece ser fundamental para uma experiência saudável e duradoura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma como são experimentados os aspectos constituintes do cotidiano da vida conjugal é um fator de grande importância na decisão de se manter o relacionamento. Este fato se revela desde o início da vida a dois, não dependendo do tempo de duração da conjugalidade, como foi possível constatar.

A decisão de morar junto ou casar aconteceu de diferentes formas para cada entrevistado, seja como um movimento natural no desenvolvimento do relacionamento, como um desejo de sair da casa dos pais e montar seu próprio espaço familiar, motivado por um sonho ou pelo cansaço de idas e vindas das residências de cada família. No entanto, todas estas razões estão conectadas com o desejo de estar junto com o outro.

Esta nova fase de uma relação revelou novos desafios para cada indivíduo e para o casal. Em muitos casos houve conflitos de individualidades, com os desejos, comportamentos e opiniões pessoais indo de encontro ao outro e desenvolvendo a capacidade de se adaptar a uma vida comum. As mudanças nos hábitos e na rotina, com diferentes horários, diferentes dinâmicas e comportamentos, mostraram que a transição da casa dos pais para a casa do casal não acontece de maneira simples, e exige o empenho de ambos para o funcionamento da relação no novo espaço.

Outro aspecto que também foi evidenciado, e que mostra grande riqueza no estudo do tema deste trabalho, é a percepção sobre o casamento. Esta instituição não obteve destaque pela metade dos entrevistados não casados, o que indica o declínio de sua importância, ao mesmo tempo em que demonstra que o relacionamento em si é o ponto principal de apreciação pelos indivíduos. Mesmo entre aqueles que pretendem se casar, fica claro que este desejo é fruto da satisfação obtida na relação.

As constatações feitas nesta pesquisa vêm confirmar as proposições apresentadas no primeiro capítulo de que atualmente existe o desejo de se formar um casal, mas não necessariamente de casar, como colocado por Bozon (1995). Scalon e Araújo (2005) também apontam esta mudança, indicando que há um enfraquecimento da instituição do casamento, mas um fortalecimento da relação conjugal enquanto fonte de satisfação individual.

Na construção dessa satisfação muitos fatores estão incluídos, além de uma boa adaptação à fase conjugal citada acima, como o afeto, onde foram destacados o cuidado e o carinho, a fidelidade, considerada por todos os entrevistados como um elemento essencial no relacionamento, e, fortemente enfatizada, a vivência do trabalho doméstico.

Sobre este aspecto, é interessante observar que assume um papel de destaque no cotidiano dos indivíduos, que para muitos não estava presente antes da união conjugal. A responsabilidade com as tarefas domésticas e a administração do domicílio, os acordos feitos entre o casal na tentativa de equilibrar a divisão dos deveres e evitar conflitos e as constantes negociações para tomada de decisões foram alguns elementos de impacto na vida de muitos entrevistados, tanto homens quanto mulheres, que passaram e/ou passam por conflitos nessa dinâmica. Em muitos casos foi apresentado o auxílio eventual ou fixo de uma empregada doméstica, que se pode acreditar ser uma ferramenta de contribuição na divisão das tarefas de maneira mais amena. Cada vez mais se parece buscar um contexto de igualdade entre os gêneros em oposição ao modelo tradicional de homem provedor e mulher cuidadora do lar.

Para além do sentido do trabalho em si, a responsabilização pela manutenção doméstica também surgiu enquanto elemento promovedor de reconhecimento do outro e de comprometimento com o relacionamento. Cuidar do espaço comum é, então, também uma maneira de cuidar da relação conjugal, de se importar com o (a) parceiro (a) e de reconhecer a sua dedicação para o melhor funcionamento do casal nos diferentes domínios que se colocam. Há uma expectativa de reciprocidade que não somente propõe a igualdade material de deveres, mas inclui o valor sentimental.

Esta igualdade está presente também em relação a ocupação profissional, onde foi possível ver que há nestas realidades conjugais um sentimento de respeito pela carreira individual dos parceiros (as), e que tanto homens quanto mulheres fazem o possível para manter suas metas profissionais adequando-as ao desenvolvimento do relacionamento. É pertinente perceber como está em processo uma mudança no comportamento de homens e mulheres sobre os cuidados com o ambiente doméstico, havendo, portanto, a quebra do padrão tradicional de homem provedor e mulher do lar. Novamente, encontra-se aqui uma valorização da igualdade de gênero, com a ampliação da presença da mulher no mercado de trabalho e a individualidade, ligada à liberdade e autonomia. Assim, há um

movimento crescente de apropriação do emprego enquanto parte da identidade individual feminina, e não mais apenas masculina. (SCALON; ARAÚJO, 2005)

Mas esse cotidiano de tarefas domésticas e a rotina do trabalho remunerado também se revelou elemento influenciador da vida sexual dos casais. O cansaço gerado nestes afazeres, e às vezes também o estresse, são os grandes causadores da diminuição da frequência sexual após a união conjugal, especialmente entre as mulheres. Mesmo nos casos em que não foi percebida uma diminuição, não houve aumento, apesar de se ter maior liberdade no espaço e no tempo em que estão juntos e a sós. Muitos relatos de excesso de trabalho fora de casa, com a diminuição do tempo disponível para aproveitar com o outro devido ao trabalho dentro de casa.

No entanto, foram observadas poucas reclamações, e a maioria dos entrevistados demonstrou estar satisfeito com a vida sexual com o (a) parceiro (a). Assim, é possível crer que a quantidade de relações sexuais não emerge enquanto elemento principal de valorização do relacionamento. Porém, o sexo não deixou de ser colocado como essencial na vida a dois, tido como um elemento de carinho e troca íntima, e inclusive sendo, em alguns casos, apontado como o diferenciador entre a relação conjugal e a relação de amizade.

Englobando todos estes aspectos está a intimidade. Ficou claro que muitas vivências estão conectadas a este sentimento dentro da conjugalidade, relacionados com a liberdade de ser, agir e falar. Em poucos casos foi também relacionada à vivência sexual, ao que é feito “entre quatro paredes”. Sobre a liberdade de ser e agir, a construção de um espaço onde é possível ser autêntico, agir com naturalidade, sem temer o julgamento do outro, repreensões ou afastamento, assume grande importância no relacionamento. Neste sentido, foi observada também a questão da exposição do corpo, do próprio indivíduo e de seu par, onde elementos como a vergonha, a censura ou a depreciação são vistos como indesejáveis para a qualidade da vivência íntima.

Já a transparência comunicativa foi ressaltada pela maioria dos entrevistados como qualificador da intimidade do casal. Como afirma Foucault (2014), a exigência de confissão está presente nos relacionamentos, como se fosse natural revelar-se completamente a alguém. Poder compartilhar com o outro os pensamentos, os planos, as experiências diárias, os sentimentos e até mesmo os segredos, confere confiança e liberdade entre os parceiros. Acreditar receber uma escuta incondicional parece fortalecer o sentimento de união e cumplicidade.

Mas também foi mencionada a relevância da intimidade em um contexto particular, em que os momentos de solidão devem ser respeitados, permitindo que haja a escolha de não se comunicar e partilhar a todo instante, tornando possível a manutenção da individualidade.

É evidente, portanto, que inúmeros elementos estão incluídos quando se trata de manter um relacionamento conjugal. Tanto a divisão de tarefas domésticas quanto a sexualidade e a intimidade são fundamentais, e através deste trabalho, foi possível observar como os aspectos indicados pelos entrevistados como fundamentais para a manutenção de suas relações estão largamente conectados com estes pontos explorados. São eles: o diálogo; a transparência; a parceria e cumplicidade, o respeito ao desejo do outro e à sua forma de ser como itens de manutenção das individualidades; o amor; a confiança; a amizade; o carinho; a paciência; o equilíbrio; a necessidade de demonstrar afetividade e reconhecimento; o desejo de estar junto.

O caráter da reciprocidade está presente em todos os elementos, sendo, portanto, fundamental para manter o relacionamento. Não só em relação aos sentimentos como às atitudes e escolhas, esperam-se do parceiro o mesmo nível de envolvimento em nome da satisfação mútua e continuidade harmônica da conjugalidade.

Ao se tratar destes relacionamentos, cabe observar a ligação com as modificações sociais, partindo de um breve histórico das relações conjugais. Rüdiger (2012) disserta que anteriormente, o casamento era tido enquanto uma forma de acordo visando garantir o sustento e a manutenção da família, focado, portanto, mais em aspectos coletivos e morais do que individuais ou baseados no desejo pessoal. Com as modificações da sociedade, esta dinâmica foi gradualmente perdendo o sentido. Como mostra Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo (1977), partindo de Romeu e Julieta de Shakespeare, a família conjugal moderna abandona uma ligação com a política em sua formação, não mais tendo sua formação condicionada a um jogo de interesses, e passa a se constituir a partir de laços afetivos e escolhas individuais, contribuindo para um afastamento entre o universo do casal e o ambiente social.

Assim, ao longo do trabalho foi possível observar alguns pontos de mudança de padrões de relações da sociedade brasileira entre os indivíduos, como a autonomia da mulher, a busca pela igualdade entre os gêneros no âmbito doméstico

e conjugal, a valorização da satisfação pessoal dentro do relacionamento, a liberdade de comunicação e de ação individuais perante o outro, além da afetividade presente em todas as relações.

Percebe-se como as dinâmicas mais amplas da vida social refletem-se na vida a dois, e influenciam diretamente as vivências individuais. Da mesma forma, a tentativa de criar um “universo particular” do casal parece se mostrar em diversos momentos, especialmente ao se pensar que a todo o momento nos discursos a relação é valorizada, com todos os conflitos e desafios que se apresentam, é desejada e se luta por ela.

REFERÊNCIAS

- ABOIM, Sofia. **Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 24, n.70, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092009000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 de novembro de 2012.
- ABU-LUGHOD, Lila. **Shifting politics in Bedouin love poetry**. In ABU-LUGHOD, Lila e LUTZ, Catherine (ed.). Language and the politics of emotion. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. (em tradução de Claudia Rezende)
- ALBUQUERQUE, Natália Pacini de Medeiros e. **Amizade, fidelidade e amor: reflexões em torno do bem-estar na contemporaneidade**. 2009. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=15058@2>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 343p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 190p.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.68-80, jan/jul 2005. Disponível em: <http://ftp.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/1386353091.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2015.
- BOZON, Michel. Amor Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 122, jan. 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16925/15480>>. Acesso em: 25 jan. 2016.
- CYRINO, Rafaela. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, jan/jun 2009, p.66-92. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222009000100005&lng=en&nrm=iso
- DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter "Anthropological Blues". In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DAUSTER, Tania. 1986. "A Invenção do Amor: Amor, Sexo e Família em Camadas Médias Urbanas". In: S. Figueira (org.), *Uma Nova Família? O Moderno e o Arcaico na Família de Classe Média Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 99-112.

DOLZANI, Miriam Cristina da Silva. **Pontes e fronteiras entre o "eu" e o "outro"**: um estudo sobre o amor e a paixão nos segmentos médios da cidade do Rio de Janeiro. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2614>. Acesso em: 20 fev. 2015.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Formação do Estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Como a Filosofia pode explicar o Amor**. São Paulo: Universo dos Livros, 2011.

GIDDENS, Anthony. A trajetória do eu. In: GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 70-103.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. O discurso sobre o sexo: Diferenças de gênero na juventude carioca. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 25-41. Disponível em: <<http://www.miriangoldenberg.com.br/>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

GUEDES, Moema de Castro. **Na medida do (im) possível: família e trabalho entre as mulheres de nível universitário**. 2009. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Demografia, Unicamp, Campinas, 2009. Cap. 3. Disponível em: <[file:///C:/Users/monica/Downloads/GuedesMoemadeCastro \(3\).pdf](file:///C:/Users/monica/Downloads/GuedesMoemadeCastro%20(3).pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. "Construção de si, gênero e sexualidade". In: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59. Disponível em: <[http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/97_1512_contrucaodes i.pdf](http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/97_1512_contrucaodes_i.pdf)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

_____. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p.43-59, jan-abr 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100004>. Acesso em: 22 out. 2014.

HEILBORN, Maria Luiza; PRADO, Rosane Manhães. **Na hora h, a gente não exige: estudo sobre mulheres, sexualidade e AIDS.** Trabalho apresentado no XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG, 1995.

IG São Paulo (Comp.). **Fazer sexo uma vez por semana já é suficiente para trazer felicidade.** 2015. Disponível em: <<http://delas.ig.com.br/amoresexo/2015-11-19/fazer-sexo-uma-vez-por-semana-ja-e-suficiente-para-trazer-felicidade.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 184p.

IPEA. **Trabalho para o mercado e trabalho para casa: persistentes desigualdades de gênero.** Brasília: IPEA, 2012.

KAUFMANN, Jean-claude. **Primeira manhã: como nasce uma história de amor.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. A Antropologia das Emoções no Brasil. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 4, n. 12, p.239-252, dez. 2005. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/grem/KOURYAntrop.Emo%E7%F5esBrasil.RBSEdez2005.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 402p.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p.609-627, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2016.

PAIVA, Vera; ARANHA, Francisco; BASTOS, Francisco I. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 1, p.54-64, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000800008>. Acesso em: 14 mar. 2016.

PLATÃO. **O Banquete.** 2001. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000048.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

PRADO, Adélia. **Casamento.** 1991. Disponível em: <http://www.releituras.com/aprado_casamento.asp>. Acesso em: 18 abr. 2016.

QUINTANA, Mario. **Quintana de bolso.** Porto Alegre: L&PM, 2012.

REZENDE, Claudia Barcellos. Mágoas de amizade: um ensaio em antropologia das emoções. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.69-89, out. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132002000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 maio 2015.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. Classe e gênero no Brasil contemporâneo: mobilidade social, casamento e divisão do trabalho doméstico. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. p. 173-201.

ROSSI, Túlio Cunha. Cinema no amor contemporâneo: A (re) construção social de um sentimento na cultura de massas.. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 7, n. 20, p.221-263, ago. 2008. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v.%207%20n.%2020%20agosto%20de%202008.pdf>. Acesso em: 23 set. 2014.

RÜDIGER, Francisco. O amor no século XX: romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo Social**, São Paulo, v. 24, n. 2, p.149-168, nov. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702012000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 abr. 2016.

RUIZ, Alice. **Coisa Tua**. Disponível em: <http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br/ineditas/coisa_tua.htm>. Acesso em: 12 dez. 2015.

SCALON, Celi; ARAÚJO, Clara. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 62, p.45-68, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 dez. 2015.

_____. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: SCALON, Celi; ARAÚJO, Clara (Org.). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Fgv, 2005. p. 15-77.

SENNETT, Richard. O domínio público. In: SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 15-45.

SIMMEL, Georg. Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 2, n. 6, p.513-519, dez. 2003.

TORRES, Anália; MARQUES, Cristina; MACIEL, Diana. Trabalho, família e gênero. In: 6º CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2008, Lisboa. **Anais...**. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2008. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/742.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2015.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A Aventura Sociológica**: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

_____. **Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo ; BENZAQUEM DE ARAÚJO, Ricardo. Romeu e Julieta e a Origem do Estado. In: VELHO, Gilberto. **Arte e Sociedade**: ensaios da sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. p. 130-169.

WERNECK, Alexandre. O "egoísmo" como competência: um estudo de desculpas dadas nas relações de casal como forma de coordenação entre bem de si e moralidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 54, n. 1, p.133-190, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/38586/41444>>. Acesso em: 19 dez. 2014.

ZAMBONI, Marcela. "O teu amor é uma mentira, que a minha vaidade quer": A desconfiança no amor em Zygmunt Bauman. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 9, n. 27, p.834-855, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE v 9.n.27.dez 2010.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSE%20v%209.n.27.dez%202010.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2014.

ANEXO – Questionário base das entrevistas

1. Você acha que a relação dos seus pais influenciou de alguma forma a sua relação hoje?
2. Qual a história da sua relação?
3. Como é a rotina de vocês?
4. Quais os aspectos positivos e negativos da relação?
5. Para você, qual a maior qualidade o seu parceiro e o que mais te incomoda?
6. Vocês fazem plano para o futuro?
7. O que é intimidade para você? Como ela é vivida na sua relação?
8. O sexo é importante pra você? Como é a vida sexual na relação?
9. A questão da exclusividade e fidelidade, como é para você? Como aparece na relação?
10. O que você acha mais importante para manter a relação de vocês hoje?